

AUTOR BESTSELLER DO *NEW YORK TIMES*

# TERRY GOODKIND



DÍVIDA DE OSSOS



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

***Espada da Verdade***  
**Dívida de Ossos**



**TERRY GOODKIND**

Título original:  
*Debt of Bones*

Tradução não oficial:  
Eduardo A. Chagas Jr ([edujr@ibest.com.br](mailto:edujr@ibest.com.br))

Formatação e capa:  
LeYtor

"Com eventos que acontecem antes do livro *A Primeira Regra do Mago*, essa é uma história sobre Zedd, o Primeiro Mago de Midlands..."

“O que você tem aí nesse saco, querida?”

Abby estava observando um distante grupo de cisnes, graciosas formas brancas contra as altivas paredes escuras do Castelo, enquanto eles faziam sua interminável jornada passando por fortificações, bastiões, torres e pontes sob o sol baixo. O espectro sinistro do Castelo havia parecido estar observando-a o dia todo enquanto Abby estivera esperando. Ela se virou para a velha curvada diante dela.

“Desculpe, você perguntou alguma coisa?”

“Perguntei o que você tem aí nesse saco.” Enquanto a mulher observava, ela enfiou a ponta da língua em um buraco onde faltava um dente. “Alguma coisa preciosa?”

Abby agarrou com força o saco de tecido grosseiro enquanto se encolhia um pouco perante a mulher sorridente. “Só algumas coisas minhas, só isso.”

Um oficial, seguido por uma tropa de assistentes, ajudantes, e guardas, marchou saindo por baixo da enorme porta levadiça que ficava perto dali. Abby e os outros suplicantes que esperavam na cabeça da ponte de pedra se espremeram para o lado, mesmo que os soldados tivessem um amplo espaço para passar. O oficial, seu olhar cruel não podia ser visto enquanto passava, não respondeu a saudação quando os guardas da ponte bateram com os punhos em cima dos corações nas suas armaduras.

O dia todo soldados de terras diferentes, assim como os da Guarda de Defesa da vasta cidade de Aydindril logo abaixo, estiveram entrando e saindo do Castelo. Alguns pareciam viajantes cansados. Alguns vestiam uniformes ainda sujos de terra, ferrugem, e sangue de batalhas recentes. Abby tinha visto até dois oficiais de sua terra natal de Pendisan Reach. Eles pareciam ser pouco mais do que garotos para ela, mas garotos com a fina camada de juventude descascando cedo demais, como uma cobra soltando sua pele antes da hora, deixando a maturidade emergente marcada.

Abby também tinha visto um grupo de pessoas importantes que mal podia acreditar: feiticeiras, conselheiros, e até mesmo uma Confessora apareceu vindo do Palácio das Confessoras na cidade. Em seu caminho até o Castelo, raramente houve uma curva na

estrada sinuosa que não tivesse oferecido a Abby uma visão do esplendor do Palácio das Confessoras que se espalhava em rocha branca. A Aliança de Midlands, encabeçada pela própria Madre Confessora, realizava conselho no Palácio, e ali, também, moravam as Confessoras.

Em toda sua vida, Abby só tinha visto uma vez uma Confessora. A mulher fora ver a mãe de Abby e Abby, que ainda não tinha dez anos naquela época, tinha sido incapaz de parar de observar os longos cabelos da Confessora. A não ser a mãe dela, nenhuma mulher na pequena cidade de Coney Crossing de Abby era suficientemente importante para ter cabelo longo o bastante para tocar os ombros. O próprio cabelo castanho escuro de Abby cobria não mais do que suas orelhas.

Passando pela cidade em seu caminho até o Castelo, tinha sido difícil para ela não olhar boquiaberta para a nobre mulher com cabelos até os ombros e até mesmo um pouco além. Mas a Confessora que seguia para o Castelo, usando o simples vestido negro acetinado de uma Confessora, tinha cabelo que chegava até o meio de sua costa.

Ela gostaria de poder ter observado melhor a rara visão de cabelo tão longo e luxuriante e a mulher importante o bastante para possuí-lo, mas Abby tinha se ajoelhado com o resto da companhia na ponte e, como o restante deles, temia erguer sua cabeça para olhar procurando assim evitar encontrar o olhar da outra. Diziam que encontrar o olhar de uma Confessora poderia custar sua mente se você tivesse sorte, e a sua alma se não tivesse. Muito embora a mãe de Abby houvesse dito que isso era mentira, que apenas o toque proposital de tal mulher poderia causar essa proeza, Abby tinha medo, nesse dia mais do que nos outros, de comprovar a histórias.

A velha na frente dela, vestida com diversas camadas de saias cobertas com uma tintura de hena e com uma manta escura enrolada, observou os soldados passarem e então inclinou-se chegando mais perto. “Melhor levar um osso, querida. Ouvi dizer que tem aqueles na cidade que venderão um osso do jeito que você precisa – pelo preço certo. Magos não aceitam carne de porco salgada em troca de um pedido. Eles possuem carne de porco

salgada.” O olhar dela passou por Abby até os outros para vê-los ocupados com seus próprios interesses. “Melhor vender suas coisas e rezar para ter o bastante para comprar um osso. Magos não querem o que algumas garotas do campo trazem para eles. Favores de magos não se conquistam facilmente.” Ela olhou para as costas dos soldados quando eles alcançavam o lado mais distante da ponte, “Nem para aqueles que executam suas ordens, é o que parece.”

“Só quero falar com eles. Só isso.”

“Carne de porco salgada também não vai conseguir uma conversa, como ouvi dizer.” Ela notou a mão de Abby tentando cobrir a forma arredondada debaixo do pano. “Ou uma vasilha que tenha feito. É isso que essa coisa é, querida?” Os olhos castanhos dela, em uma máscara de couro enrugada, levantaram, observando com súbita e séria atenção. “Uma vasilha?”

“Sim,” disse Abby. “Uma vasilha que eu fiz.”

A mulher deu um sorriso mostrando ceticismo e enfiou um punhado de cabelo cinzento curto de volta para baixo da lã que cobria sua cabeça. Os dedos retorcidos dela fecharam-se ao redor do tecido no antebraço do vestido carmesim de Abby, puxando o braço para cima um pouco para dar uma olhada.

“Talvez você pudesse conseguir o preço de um osso adequado por seu bracelete.”

Abby olhou para o bracelete feito de dois fios de metal enrolados em círculos que se entrelaçavam. “Minha mãe deu para mim. Não tem valor algum a não ser para mim.”

Um lento sorriso apareceu nos lábios rachados da mulher. “Os espíritos acreditam que não existe poder mais forte do que o de uma mãe querendo proteger sua criança.”

Abby afastou o braço dela gentilmente. “Os espíritos sabem a verdade disso.”

Desconfortável com o olhar examinador da mulher tagarela, Abby procurou um lugar seguro para o qual direcionar seu olhar. Olhar para o terrível abismo debaixo da ponte fazia com que ficasse tonta, e ela estava cansada de olhar para o Castelo do mago, então fingiu que sua atenção tinha sido atraída como uma desculpa para virar na direção do aglomerado de pessoas, em sua maioria homens,

esperando com ela na cabeceira da ponte. Ela ocupou-se em beliscar o último pedaço de pão que havia trazido do mercado antes de vir até o Castelo.

Abby sentia-se esquisita ao conversar com estranhos. Em toda sua vida nunca tinha visto tanta gente, muito menos gente que não conhecia. Ela conhecia cada uma das pessoas em Coney Crossing. A cidade a deixava apreensiva, mas não tão apreensiva quanto o Castelo erguendo-se na montanha acima, e isso, não tanto quanto a própria razão dela estar ali.

Ela só queria ir para casa. Mas não haveria casa alguma, pelo menos nada pelo que ir para casa, se ela não fizesse isso.

Todos os olhos se voltaram para o som de cascos passando sob a porta corrediça do castelo. Cavalos enormes, todos castanho escuros ou negros e maiores do que qualquer um que Abby já tinha visto, surgiram trovejando na direção deles. Homens usando armaduras polidas, cota de malha de ferro, e couro, e a maioria carregando lanças ou bastões com longas bandeiras de alta patente e posição na ponta, incitavam suas montarias a seguir em frente. Eles levantavam poeira e cascalhos enquanto ganhavam velocidade cruzando a ponte, uma veloz confusão de cores e centelhas de luz do metal brilhando passou. Lanceiros Sanderianos, de acordo com as descrições de que Abby tinha ouvido. Era difícil para ela imaginar o inimigo com coragem para enfrentar homens como esses.

Seu estômago fez um turbilhão. Ela percebeu que não tinha necessidade alguma de imaginar e nenhuma razão para colocar suas esperanças em bravos homens como aqueles lanceiros. Sua única esperança era o mago, e essa esperança estava escapulindo enquanto ela ficava esperando. Não havia nada a fazer a não ser esperar.

Abby virou-se para o Castelo novamente bem a tempo de ver uma mulher estatuésca vestida com uma túnica simples caminhar através da abertura na massiva parede rochosa. Sua pele clara destacava-se mais ainda contra o liso cabelo negro partido ao meio e praticamente chegando ao ombros. Alguns dos homens estiveram sussurrando a respeito da visão dos oficiais Sanderianos, mas ao avistarem a mulher todos ficaram em silêncio. Os quatro soldados na

cabeça da ponte de pedra abriram caminho para a mulher enquanto ela se aproximava dos suplicantes.

“Feiticeira,” a velha sussurrou para Abby. Dificilmente Abby precisava do conselho da velha para saber que aquela era uma feiticeira. Abby reconheceu a túnica de linho, decorada no pescoço com faixas amarelas e vermelhas costuradas nos símbolos antigos da profissão. Algumas de suas primeiras lembranças eram de ser carregada nos braços de sua mãe e tocar faixas como aquelas que via agora.

A feiticeira inclinou sua cabeça para o povo e então ofereceu um sorriso. “Por favor, perdoem-nos por fazê-los esperar aqui fora o dia todo. Não é por falta de respeito nem algo que costumamos fazer, mas com a guerra em nossas mãos tais precauções são lamentavelmente inevitáveis. Esperamos que ninguém tenha se ofendido com a demora.”

A multidão murmurou que não. Abby duvidava que houvesse algum entre eles ousado o bastante para dizer o contrário.

“Como vai a guerra?” um homem lá atrás perguntou.

O olhar vago da feiticeira virou para ele. “Com as bênçãos dos bons espíritos, terminará em breve.”

“Que os espíritos garantam que D'Hara seja esmagada,” rogou o homem.

Sem responder, a feiticeira avaliou os rostos que a observavam, esperando para ver se alguém mais falaria ou faria uma pergunta. Ninguém o fez.

“Então, por favor, venham comigo. A reunião do conselho terminou, e um par de magos aproveitará o tempo para ver todos vocês.”

Quando a feiticeira se virou para voltar ao Castelo e começou a andar, três homens seguiram entre os suplicantes e colocaram-se na cabeça da fila, bem na frente da velha. A mulher puxou uma manga de veludo.

“Quem vocês pensam que são,” ela disparou, “pegando um lugar na minha frente, quando estive aqui o dia todo?”

O mais velho dos três, vestido em rica túnica púrpura escura com costura vermelha contrastante no comprimento dentro das

aberturas nas mangas, parecia ser um nobre com seus dois conselheiros, ou talvez guardas. Ele lançou um olhar para a mulher. “Você não se importa, não é?”

Para Abby aquilo não pareceu uma pergunta de modo algum. A velha recolheu sua mão e ficou muda.

O homem, as pontas de seu cabelo cinzento sobre os ombros, olhou para Abby. Seus olhos debaixo do capuz cintilaram em desafio. Ela engoliu em seco e permaneceu em silêncio. Ela também não tinha objeção alguma, pelo menos nenhuma que estivesse disposta a falar. Por tudo que ela sabia, o nobre era importante o bastante para garantir que lhe fosse negada uma audiência. Ela não poderia correr o risco agora que estava tão perto.

Abby foi distraída por uma sensação de formigamento no bracelete. Cegamente, os dedos dela deslizaram sobre o pulso da mão que segurava o saco. O bracelete pareceu estar quente. Ele não tinha feito aquilo desde que sua mãe morreu. Na presença de tanta magia que havia em um lugar como esse, isso realmente não lhe causou surpresa. A multidão moveu-se adiante para seguir a feiticeira.

“Maus, eles são,” a mulher sussurrou por cima do ombro. “Maus como uma noite de inverno, e tão frios quanto.”

“Aqueles homens?” Abby sussurrou de volta.

“Não.” A mulher balançou a cabeça. “Feiticeiras. Magos também. São esses. Todos aqueles nascidos com o dom da magia. É melhor ter alguma coisa importante nesse saco, ou os magos podem transformá-la em pó por nenhuma outra razão a não ser a de que eles gostem de fazê-lo.”

Abby apertou o saco com força em seus braços. A pior coisa que sua mãe tinha feito em toda vida dela foi morrer antes que pudesse ver sua neta.

Abby conteve a vontade de chorar e rezou aos queridos espíritos que a velha estivesse enganada a respeito dos magos, e que eles fossem tão compreensivos quanto feiticeiras. Ela rezou fervorosamente que esse mago lhe ajudasse. Ela rezou por perdão, também – que os bons espíritos entenderiam.

Abby se esforçou para manter um semblante calmo muito embora suas entranhas estivessem como um turbilhão. Ela apertou um punho em seu estômago. Rezou por força. Mesmo nisso, ela rezou por força.

A feiticeira, os três homens, a velha, Abby, e então o restante dos suplicantes, passaram por baixo da grande porta de metal corrediça e entraram no terreno do Castelo. Dentro da massiva parede exterior Abby ficou surpresa ao descobrir que o ar era quente. Do lado de fora era um frio dia de outono, mas do lado de dentro o ar era fresco e quente.

A estrada subindo até a montanha, a ponte de pedra sobre o abismo, e então a abertura sob a porta corrediça pareciam ser o único caminho para entrar no Castelo, a não ser que você fosse um pássaro. Altivas paredes de pedra negra com altas janelas cercavam o pátio de cascalhos no interior. Havia portas ao redor do pátio, e em frente, uma estrada em forma de túnel indo fundo dentro do Castelo.

Apesar do ar quente, Abby sentia frio até os ossos naquele lugar. Ela não tinha certeza se a mulher não estava certa a respeito dos magos. A vida em Coney Crossing havia se afastado muito das questões sobre magos.

Abby nunca tinha visto um mago, nem conhecia alguém que tivesse visto, exceto sua mãe, e sua mãe nunca falou sobre eles a não ser para avisar que onde magos estavam envolvidos, não se poderia confiar nem no que você via com os próprios olhos.

A feiticeira os conduziu subindo quatro degraus de granito desgastados pelo tempo depois de incontáveis pisadas, através de um portal sob um lintel de granito negro, e dentro do próprio Castelo. A feiticeira ergueu um braço dentro da escuridão, girando-o para o lado. Lamparinas ao longo da parede acenderam.

Isso tinha sido magia simples – não uma exibição muito impressionante do dom – mas muitas das pessoas atrás começaram a sussurrar preocupadas enquanto passavam pelo largo corredor. Para Abby, ocorreu que se essa pequena conjuração os assustava, então eles não deveriam tratar assunto algum com magos.

Eles caminharam através do chão baixo de uma imponente ante-sala do tipo que Abby jamais poderia ao menos ter imaginado. Colunas de mármore vermelho ao redor suportavam arcos abaixo de sacadas. No centro da sala uma fonte espirrava água bem alto logo adiante. A água caía para descer em cascata por uma sucessão de canais largos. Oficiais, feiticeiras, e uma variedade de outros sentavam ali perto em bancos de mármore branco ou reuniam-se em pequenos grupos, todos engajados no que parecia uma séria conversa abafada pelo som da água.

Em uma sala menor mais adiante, a feiticeira gesticulou para que eles sentassem em uma fileira de assentos de carvalho perto de uma parede. Abby estava cansada e ficou aliviada em sentar finalmente.

A luz de janelas acima dos assentos iluminava três tapeçarias penduradas na parede alta mais distante. As três juntas cobriam quase a parede toda e mostravam uma cena de uma grande procissão através de uma cidade. Abby nunca tinha visto nada assim, mas devido ao modo como seus temores fluíam em seus pensamentos, ela podia obter pouco prazer em ver mesmo uma imagem tão majestosa como essa.

No centro do chão de mármore cor de creme, inserido em linhas de metal, estava um círculo com um quadrado em seu interior, seus cantos tocando o círculo. Dentro do quadrado havia outro círculo grande o bastante para tocar as partes internas do quadrado. O círculo central tinha uma estrela de oito pontas. Linhas brilhavam saindo das pontas da estrela, percorrendo todo o caminho através dos dois círculos, cada uma das linhas cortando um canto do quadrado.

O design, chamado Graça, era desenhado com frequência por aqueles com o dom. O círculo exterior representava o início da infinidade do mundo espiritual além. O quadrado representava a fronteira separando o mundo espiritual – o submundo, o mundo dos mortos – do círculo interior, que representava os limites do mundo dos vivos. No centro disso tudo estava a estrela, representando a Luz – o Criador.

Era uma descrição do continuum do dom: do Criador, através da vida, e a morte cruzando a fronteira para a eternidade com os espíritos no reino do Guardiã do submundo. Mas também representava uma esperança – uma esperança de permanecer na Luz do Criador do nascimento, através da vida, e além, no submundo.

Diziam que a Luz do Criador no submundo seria negada apenas para os espíritos daqueles que fizeram grandes perversidades durante a vida. Abby sabia que seria condenada a uma eternidade com o Guardiã da escuridão no submundo. Ela não tinha escolha.

A feiticeira juntou as mãos. “Um assistente virá chamar cada um de vocês por vez. Um mago verá cada um. A guerra arde acirrada; por favor façam seus pedidos brevemente.” Ela olhou a fila de pessoas. “É com sincera obrigação daqueles aos quais servimos que os magos vejam suplicantes, mas por favor tentem entender que os desejos individuais geralmente são danosos ao bem maior. Ao parar para ajudar um, então para muitos é negada ajuda. Sendo assim, a negação de um pedido não é uma negação de sua necessidade, mas aceitação de uma necessidade maior. Em tempos de paz é raro para os magos conceder os menores pedidos aos suplicantes. Em um tempo como esse, um tempo de grande guerra, um pedido quase nem é ouvido. Por favor entendam que isso não tem a ver com o que nós desejaríamos, mas é uma questão de necessidade.”

Ela observou a fila de suplicantes, mas não viu nenhum que desejasse abandonar seu objetivo. Abby certamente não. “Então muito bem.”

“Temos dois magos capazes de atender suplicantes nesse momento. Levaremos cada um de vocês a um deles.”

A feiticeira se virou para partir. Abby se levantou.

“Por favor, minha Senhora, posso falar, se me permite?”

A feiticeira virou e lançou um olhar perturbador para Abby. “Fale.”

Abby deu um passo em frente. “Eu tenho que ver o Primeiro Mago. Mago Zorander.” Uma sobancelha se elevou. “O Primeiro

Mago é um homem muito ocupado.”

Abby enfiou a mão no saco e tirou o colarinho da túnica de sua mãe. Ela pisou no centro da Graça e beijou os adornos vermelho e amarelo no colarinho.

“Eu sou Abigail, nascida de Helsa. Pela Graça e pela alma de minha mãe, eu tenho que ver o Mago Zorander. Por favor. Não foi nenhuma viagem trivial que eu fiz. Vidas estão em risco.”

A feiticeira observou o colarinho adornado ser colocado de volta no saco.

“Abigail, nascida de Helsa.” O olhar dela se ergueu para encontrar com o de Abby. “Levarei suas palavras ao Primeiro Mago.”

“Minha Senhora.” Abby se virou para ver a velha de pé. “Eu ficaria muito agradecida em ver o Primeiro Mago também.”

Os três homens se levantaram. O mais velho, aquele dos três que aparentemente estava no comando, lançou um olhar para a feiticeira tão desprovido de timidez que quase pareceu desprezo. Seus longos cabelos cinzentos projetaram-se para frente sobre sua túnica de veludo quando ele olhou para a fila de pessoas sentadas, parecendo desafiá-las a levantar. Quando ninguém o fez, ele voltou sua atenção para a feiticeira.

“Eu verei o Mago Zorander.”

A feiticeira avaliou aqueles que estavam de pé e então olhou para a fila de suplicantes nos assentos. “O Primeiro Mago ganhou um nome: *O Vento da Morte*. Ele não é menos temido por muitos de nós do que é por nossos inimigos. Alguém mais vai forçar o destino?”

Nenhum daqueles nos assentos tiveram a coragem de encarar o olhar feroz dela. No final todos balançaram suas cabeças silenciosamente. “Por favor esperem,” ela falou para os que estavam sentados. “Alguém em breve irá levá-los até um mago.” Ela olhou mais uma vez para as cinco pessoas de pé. “Todos vocês estão muito, muito certos disso?”

Abby assentiu. A velha assentiu. O nobre olhou com seriedade. “Então muito bem. Venham comigo.”

O nobre e seus dois homens andaram na frente de Abby. A velha pareceu contente em pegar um lugar no fim da fila. Eles foram

levados mais fundo dentro do Castelo, através de salas estreitas e corredores largos, alguns escuros e austeros e alguns de surpreendente esplendor. Por toda parte havia soldados da Guarda de Defesa, suas armaduras ou cotas de malha cobertas por túnicas vermelhas com faixas negras em suas extremidades. Todos estavam fortemente armados com espadas e machados de batalha, todos tinham facas, e muitos adicionalmente carregavam lanças com pontas de aço.

No topo de uma larga escadaria de mármore branco os corrimões de pedra espiralavam nas pontas para se abrirem em uma sala com painéis de carvalho. Muitos dos painéis guardavam lamparinas com refletores prateados polidos. Em cima de uma mesa de três pernas estava uma lamparina de ponta dupla, suas chamas somando-se à suave luz das lamparinas refletoras. Um espesso tapete ornamentado por desenhos azuis cobria quase todo o chão de madeira.

Em cada lado de uma porta dupla ficava um dos meticulosamente vestidos soldados da Guarda de Defesa. Os dois homens eram igualmente enormes. Eles pareciam ser homens mais do que capazes de lidar com qualquer problema que pudesse subir as escadas.

A feiticeira acenou na direção das doze cadeiras estofadas em couro dispostas em quatro grupos. Abby esperou até que os outros tivessem sentado em dois dos grupos e então sentou-se em outro. Ela colocou o saco no colo e descansou as mãos sobre o seu conteúdo.

A feiticeira esticou as costas. "Irei dizer ao Primeiro Mago que ele tem suplicantes que desejam vê-lo."

Um guarda abriu uma das duas portas para ela. Quando ela entrou na grande sala além, Abby conseguiu dar uma rápida espiada. Conseguiu ver que era bem iluminada por clarabóias envidraçadas. Havia outras portas nas paredes de pedra cinzenta. Antes que a porta fechasse, Abby também conseguiu ver algumas pessoas, homens e mulheres, todas seguindo apressadas para cá e para lá.

Abby sentava virada para longe da velha e dos três homens enquanto esfregava o saco em seu colo distraidamente com uma das mãos. Ela estava com pouco medo de que os homens falassem com ela, mas não queria conversar com a mulher; era uma distração. Ela passou o tempo repassando em sua mente o que tinha planejado dizer ao Mago Zorander.

Pelo menos ela tentava repassar em sua mente. A maior parte do tempo, tudo em que conseguia pensar era o que a feiticeira havia dito, que o Primeiro Mago era chamado *O Vento da Morte*, não apenas pelos D'Harans, mas também por seu povo de Midlands. Abby sabia que isso era uma história de um homem ocupado para assustar suplicantes. A própria Abby tinha ouvido pessoas sussurrarem a respeito de seu grande mago, "*O Vento da Morte*". Aquelas palavras sussurradas foram ditas com temor.

As terras de D'Hara tinham profundas razões para temer esse homem como inimigo; ele tinha destruído incontável número de seus exércitos, pelo que Abby tinha escutado. É claro que se eles não tivessem invadido Midlands, buscando a conquista, eles não teriam sentido o quente vento da morte.

Se eles não tivessem invadido, Abby não estaria sentada ali no Castelo do Mago – ela estaria em casa, e todos que ela amava estariam seguros.

Abby sentiu novamente a estranha sensação de formigamento no bracelete. Ela passou os dedos sobre ele, testando seu calor incomum. Tão perto de uma pessoa com tal poder não lhe causava surpresa que o bracelete estivesse aquecendo. Sua mãe havia dito a ela que usasse ele sempre, e que algum dia ele seria de valor. Abby não sabia como, e sua mãe tinha morrido sem jamais explicar.

Feiticeiras eram conhecidas pelo modo como guardavam segredos, até mesmo de suas próprias filhas. Talvez se Abby tivesse nascido com o dom...

Ela deu uma espiada nos outros por cima do ombro. A velha estava encostada na sua cadeira, olhando para as portas. Os acompanhantes do nobre estavam sentados com suas mãos cruzadas enquanto olhavam a sala casualmente.

O nobre estava fazendo a coisa mais estranha. Ele tinha um tufo de cabelo cor de areia enrolado em um dedo. Ele esfregava o polegar no tufo de cabelo enquanto observava as portas.

Abby queria que o mago se apressasse e encontrasse logo com ela, mas o tempo rastejava com teimosia. De certo modo, ela queria que ele negasse. Não, ela disse para si mesma, isso era inaceitável. Não importava o seu medo, não importava a sua repulsa, ela precisava fazer isso. Subitamente, a porta abriu. A feiticeira caminhou na direção de Abby.

O nobre levantou-se com um salto. "Eu o verei primeiro." Sua voz era uma ameaça fria. "Isso não é um pedido."

"É nosso direito vê-lo primeiro," Abby falou sem pensar. Quando a feiticeira cruzou as mãos, Abby decidiu que era melhor continuar. "Estive esperando desde a madrugada. Essa mulher era a única esperando antes de mim. Esses homens vieram ao fim do dia."

Abby tomou um susto quando os dedos retorcidos da velha agarraram seu antebraço. "Por que não deixamos esses homens irem primeiro, querida? Não importa quem chegou primeiro, mas quem tem o assunto mais importante."

Abby queria gritar que seu assunto era importante, mas percebeu que a velha deveria estar salvando-a de sérios problemas em concluir seus assuntos. Relutantemente, ela acenou balançando a cabeça para a feiticeira. Enquanto a feiticeira conduzia os três homens pela porta, Abby podia sentir os olhos da mulher em suas costas. Abby apertou o saco contra a ansiedade ardente em seu abdômen e disse a si mesma que não iria demorar, e então ela o veria.

Enquanto elas esperavam, a velha ficou em silêncio, e Abby estava contente com isso. Ocasionalmente, ela olhava para a porta, implorando aos bons espíritos que lhe ajudassem. Mas percebeu que isso era fútil; os bons espíritos não estariam tão dispostos a ajudá-la nisso.

Um rugido veio da sala além das portas. Foi como o som de uma flecha disparada através do ar, ou um longo chicote estalando, só que mais alto, aumentando rapidamente. Terminou com um som

agudo acompanhado de um clarão de luz por baixo das portas e pelas suas bordas. As portas tremeram em suas dobradiças.

De repente o silêncio ecoou nos ouvidos de Abby. Ela percebeu que estava agarrando com força os braços da cadeira.

As duas portas abriram. Os acompanhantes do nobre saíram marchando, seguidos pela feiticeira. Os três pararam na sala de espera. Abby prendeu a respiração.

Um dos dois homens estava carregando a cabeça do nobre presa em um dos braços. As feições lívidas do rosto estavam congeladas em um grito mudo. Espessas linhas de sangue pingavam no carpete.

"Mostre a eles," a feiticeira sibilou através dos dentes cerrados para um dos dois guardas na porta.

O guarda baixou sua lança na direção das escadas, ordenando que eles seguissem na frente, e então seguiu os dois homens. Pingos vermelhos espalhavam-se no mármore branco dos degraus enquanto eles desciam. Abby ficou sentada rígida, de olhos arregalados com o choque.

A feiticeira virou para Abby e a velha. A mulher se levantou. "Acredito que seria melhor não incomodar o Primeiro Mago hoje. Voltarei outro dia, se for necessário."

Ela se encolheu na direção de Abby. "Sou chamada de Mariska." A sobancelha dela abaixou. "Que os bons espíritos lhe forneçam sucesso."

Ela se arrastou até as escadas, pousou uma das mãos no corrimão de mármore, e começou a descer. A feiticeira estalou os dedos e fez um gesto. O guarda que restava se apressou para acompanhar a mulher, enquanto a feiticeira virava para Abby.

"Agora o Primeiro Mago receberá você."

Abby engoliu ar, tentando recuperar o fôlego enquanto se levantava. "O que aconteceu? Por que o Primeiro Mago fez aquilo?"

"O homem foi enviado em nome de outro para fazer uma pergunta ao Primeiro Mago. O Primeiro Mago deu sua resposta."

Abby apertou o saco contra si temendo pela vida quando olhou para o sangue no chão. "Aquela pode ser a resposta para minha pergunta, se eu a fizer?"

“Não sei a pergunta que você faria.” Pela primeira vez, a expressão da feiticeira suavizou um pouco. “Você gostaria que eu a levasse para a saída? Você poderia ver outro mago ou, talvez, depois de pensar melhor em sua solicitação, voltasse outro dia, se ainda desejasse.”

Abby lutou para não soltar lágrimas de desespero. Não havia escolha. Ela balançou a cabeça. “Eu tenho que vê-lo.”

A feiticeira soltou um profundo suspiro. “Muito bem.” Ela colocou uma das mãos sob o braço de Abby como que para mantê-la de pé. O Primeiro Mago receberá você agora.”

Abby apertou o conteúdo do saco enquanto era conduzida para dentro da câmara onde o Primeiro Mago aguardava. Tochas em castiçais de ferro ainda não estavam queimando. A luz do entardecer das janelas envidraçadas no teto ainda era forte o bastante para iluminar a sala. Cheirava a piche, óleo de lamparina, carne tostada, pedra molhada, e suor.

Lá dentro, confusão e comoção reinavam. Havia pessoas em toda parte, e todas pareciam estar falando ao mesmo tempo. Mesas robustas espalhadas pela sala sem nenhum padrão discernível estavam cobertas de livros, pergaminhos, mapas, giz, lamparinas a óleo apagadas, velas queimando, refeições comidas parcialmente, cêra para selar, canetas, e um amontoado de todo tipo de objetos estranhos, de bolas com amarrados a sacos de areia meio derramados. Pessoas estavam perto das mesas, engajadas em conversas ou discussões enquanto outras dedilhavam passagens em livros, concentradas sobre pergaminhos, ou moviam pequenos pesos pintados sobre mapas. Outras giravam pedaços de carne assada tiradas de bandejas e mordiscavam enquanto observavam ou ofereciam opiniões e engoliam.

A feiticeira, ainda segurando Abby pelo braço, se aproximou enquanto elas continuavam andando. “Você terá a atenção do Primeiro Mago dividida. Haverá outras pessoas falando com ele ao mesmo tempo. Não fique distraída. Ele estará escutando assim como escutará ou falará com outros. Apenas ignore os outros que estão falando e pergunte o que veio perguntar. Ele vai te escutar.”

Abby estava surpresa. “Enquanto está falando com outras pessoas?”

“Sim.” Abby sentiu a mão apertar o seu braço com mais suavidade. “Tente ficar calma, e não julgar pelo que estiver diante de você.”

A matança. Era isso que ela queria dizer. Que um homem veio falar com o Primeiro Mago, e tinha sido morto por causa disso. Esperava-se que ela simplesmente tirasse isso do seu pensamento? Quando olhou para baixo, percebeu que estava caminhando através de uma trilha de sangue. Não viu o corpo sem cabeça em lugar algum.

O bracelete formigou tanto que ela olhou para ele. A mão debaixo do seu braço a fez parar. Quando Abby levantou o olhar, viu um confuso amontoado de pessoas diante dela. Alguns entravam apressados pelos lados enquanto outros se afastavam. Alguns balançavam os braços enquanto falavam com grande convicção. Tantos estavam falando que Abby mal podia entender uma palavra. Ao mesmo tempo, outros estavam se inclinando, enquanto sussurravam. Ela sentiu como se estivesse diante de uma colméia humana.

A atenção de Abby foi atraída por uma forma de branco ao lado. No instante em que ela viu o cabelo longo e os olhos violeta olhando diretamente para ela, Abby ficou rígida. Um pequeno grito escapou de sua garganta quando ela caiu de joelhos e se inclinou até que suas costas protestassem. Ela estremeceu, temendo pelo pior.

No momento pouco antes dela cair de joelhos, viu que o elegante vestido branco de cetim era cortado em forma de quadrado no pescoço, do mesmo jeito que os vestidos negros. O longo cabelo era inconfundível. Abby nunca tinha visto a mulher antes, mas sem dúvida sabia quem era ela. Não havia como se enganar com essa mulher. Apenas uma delas usava o vestido branco.

Era a Madre Confessora em pessoa.

Ela ouviu murmúrios acima dela, mas teve medo de escutar, poderia ser a morte sendo invocada.

“Levante, minha criança,” surgiu uma voz clara.

Abby a reconheceu como a resposta formal da Madre Confessora para um dos seus cidadãos. Levou um momento para Abby perceber que ela não representava ameaça alguma, mas simplesmente reconhecimento. Olhou para uma mancha de sangue no chão enquanto pensava no que fazer a seguir. Sua mãe nunca havia lhe instruído em como se comportar caso alguma vez encontrasse a Madre Confessora. Tanto quanto ela sabia, ninguém de Coney Crossing tinha visto a Madre Confessora, muito menos encontrado com ela. Assim como mais uma vez, nenhum deles também tinha visto um mago.

Ali perto, a feiticeira sussurrou um rosnado. "Levante." Abby levantou-se depressa, mas manteve os olhos no chão, mesmo que a mancha de sangue estivesse deixando-a doente. Ela podia sentir o cheiro, como o do corte fresco de um dos animais deles. Pela longa trilha, parecia que o corpo tinha sido arrastado para longe até uma das portas nos fundos da sala.

A feiticeira falou tranquilamente em meio ao caos. "Mago Zorander, esta é Abigail, nascida de Helsa. Ela deseja ter uma palavra com você. Abigail, esse é o Primeiro Mago Zeddicus Zu'l Zorander."

Abby ousou erguer o olhar cautelosamente. Olhos castanhos olhavam de volta. De cada um dos lados dela havia grupos de pessoas: grandes oficiais ameaçadores – alguns deles pareciam ser generais; muitos homens idosos usando túnicas, algumas simples e outras ornadas; muitos homens de meia idade, alguns vestindo túnicas e alguns de uniformes; três mulheres – todas feiticeiras; uma variedade de outros homens e mulheres; e a Madre Confessora.

O homem no centro do turbilhão, o homem com os olhos castanhos, não era o que Abby esperava. Ela estava esperando algum homem idoso grisalho grosseiro. Esse homem era jovem – talvez tão jovem quanto ela. Magro mas vigoroso, ele vestia a mais simples das túnicas, de um tecido malmente melhor do que o do saco de Abby – a marca de sua alta posição.

Abby não havia antecipado esse tipo de homem em uma posição como a de Primeiro Mago. Ela lembrou do que sua mãe

tinha falado – para não confiar no que os seus olhos diziam onde magos estavam envolvidos.

Por todos os lados, pessoas falavam com ele, argumentavam com ele, alguns poucos até gritavam, mas o mago estava em silêncio enquanto olhava dentro dos olhos dela. Seu rosto estava amável o bastante para se olhar, gentil em aparência, mesmo que seu ondulante cabelo castanho parecesse indomável, mas seus olhos... Abby nunca tinha visto aquele tipo de olhos. Pareciam ver tudo, conhecer tudo, entender tudo. Ao mesmo tempo eles eram injetados e de aparência severa, como se o sono o dominasse. Eles também possuíam um leve cintilar de aflição. Mesmo assim, ele estava calmo no meio da tempestade. Naquele momento em que sua atenção estava sobre ela, foi como se ninguém mais estivesse na sala.

O tufo de cabelo que Abby tinha visto em volta do dedo do nobre agora estava enrolado em volta do dedo do Primeiro Mago. Ele o esfregou nos lábios antes de baixar o braço.

“Fui informado que você é filha de uma feiticeira.” Sua voz era como água plácida fluindo através do tumulto que estourava ao redor. “Você tem o dom, criança?” “Não, senhor...”

Mesmo enquanto ela respondia, ele estava virando para outro que tinha acabado de falar. “Eu falei, se você fizer isso, arriscamos perdê-los. Mande avisar que eu quero que ele corte pelo sul.”

O alto oficial com quem o mago falou jogou suas mãos para cima. “Mas ele disse que eles tinham informações confiáveis de que os D'Harans foram para oeste.”

“Esse não é o ponto,” o mago falou. “Quero aquela passagem para o sul fechada. Foi para lá que as forças principais seguiram; eles possuem pessoas dotadas entre eles. Eles são os que nós devemos matar.”

O alto oficial estava fazendo uma saudação com um dos punhos sobre o coração quando o mago virou para uma velha feiticeira. “Sim, está certo, três invocações antes de tentar a transposição. Encontrei a referência ontem à noite.”

A velha feiticeira partiu para ser substituída por um homem tagarelando em uma língua estrangeira enquanto abria um

pergaminho e o mantinha levantado para que o mago visse. O mago deu uma olhada na direção dele, lendo por um momento antes de fazer sinal mandando o homem embora, enquanto dava ordens na mesma língua estrangeira. O mago virou para Abby. “Você foi pulada?” Abby sentiu seu rosto esquentar e os ouvidos queimarem. “Sim, Mago Zorander.” “Não é nada do qual deva se envergonhar, criança,” ele disse enquanto a própria Madre Confessora estava sussurrando confidencialmente em seu ouvido.

Mas isso era algo do qual se envergonhar. O dom não havia passado de sua mãe para ela – ele tinha pulado por ela.

O povo de Coney Crossing dependeu da mãe de Abby. Ela ajudou aqueles que estavam doentes ou feridos. Aconselhava pessoas em questões da comunidade e nas familiares. Para alguns ela arranjava casamentos. Para alguns distribuiu disciplina. Para alguns concedeu favores disponíveis apenas através de magia. Era uma feiticeira; protegia o povo de Coney Crossing.

Ela era reverenciada abertamente. Por alguns, era temida e odiada em segredo. Ela foi reverenciada pelo bem que fez ao povo de Coney Crossing. Por alguns, ela havia sido temida e detestada porque tinha o dom – porque era habilidosa com magia. Outros não queriam nada mais do que viver suas vidas sem magia alguma por perto.

Abby não possuía magia alguma e não podia ajudar com doenças, ferimentos ou medos sem forma. Ela desejava encarecidamente ter essa capacidade, mas não tinha. Quando Abby tinha perguntado para sua mãe porque ela iria tolerar todo o ressentimento ingrato, sua mãe disse que ajudar era a própria recompensa e não deveria esperar gratidão por isso. Ela disse que se você seguisse pela vida esperando gratidão pela ajuda fornecida, você terminaria levando uma vida miserável.

Quando a mãe dela estava viva, Abby estivera afastando-se de modos sutis; depois que sua mãe morreu, o afastamento havia se tornado mais aparente. O povo de Coney Crossing estivera esperando que ela os servisse como sua mãe havia servido. As pessoas não entendiam a respeito do dom, sobre como isso

frequentemente não era passado a um descendente; ao invés disso eles pensaram que Abby fosse egoísta.

O mago estava explicando alguma coisa para uma feiticeira sobre lançar um feitiço. Quando ele acabou, seu olhar desviou passando por Abby em seu caminho até outra pessoa. Ela precisava da ajuda dele, agora.

“O que você quer me perguntar, Abigail?”

Os dedos de Abby apertaram o saco com força. “É sobre minha casa em Coney Crossing.” Ela fez uma pausa enquanto o mago apontava para um livro que estava estendido para ele. Ele girou sua mão para ela, gesticulando para que ela continuasse enquanto um homem estava explicando uma coisa complicada sobre inverter um feitiço duplo. “Tem um problema terrível lá,” Abby falou. “Tropas D'Haran surgiram através de uma Passagem...”

O Primeiro Mago virou-se para um homem mais velho com uma comprida barba branca. Por suas túnicas simples, Abby supôs que ele também era um mago.

“Estou lhe dizendo, Thomas, isso pode ser feito.” O Mago Zorander insistiu. “Não estou dizendo que concordo com o conselho, só estou dizendo o que descobri e a decisão unânime deles de que isso seja feito. Não tenho a pretensão de entender os detalhes de como funciona, mas eu estudei isso; pode ser feito. Como eu disse ao conselho, eu posso ativar. Ainda tenho que decidir se concordo com eles se eu deveria.”

O homem, Thomas, passou uma das mãos pelo rosto. “Então você quer dizer que o que eu ouvi é verdade? Que você realmente acha que isso é possível? Você está ficando maluco, Zorander?”

“Encontrei isso em um livro no enclave particular do Primeiro Mago. Um livro anterior à guerra com o Velho Mundo. Eu vi com meus próprios olhos. Lancei toda uma série de teias de verificação para testar.” Ele virou sua atenção para Abby. “Sim, aquela seria a legião de Anargo. Coney Crossing fica em Pendisan Reach.”

“Isso mesmo,” Abby disse. “E então esse exército D'Haran passou por ali e...” “Pendisan Reach recusou-se a se juntar ao resto de Midlands sob o comando central para resistir à invasão de D'Hara. Permanecendo em sua soberania, eles escolheram combater o

inimigo do seu próprio jeito. Eles devem viver com as consequências de suas ações.”

O velho estava puxando sua barba, “Mesmo assim, você sabe se isso é verdadeiro? Tudo comprovado? Quer dizer, aquele livro precisaria ter milhares de anos. Pode ter sido conjectura. Teias de verificação nem sempre confirmam toda a estrutura de uma coisa desse tipo.”

“Eu sei disso tão bem quanto você, Thomas, mas estou dizendo, é de verdade,” disse o Mago Zorander. Sua voz baixou para um sussurro. “Que os espíritos nos guardem, é genuíno.”

O coração de Abby estava acelerado. Ela queria contar a ele sua história, mas não parecia estar conseguindo. Ele tinha que ajudá-la. Era o único jeito.

Um oficial do exército entrou apressado por uma das portas traseiras. Ele abriu caminho pela multidão até o Primeiro Mago.

“Mago Zorander! Acabei de receber notícia! Quando tocamos os chifres que você enviou, eles funcionaram! A força de Urdland deu meia volta!”

Muitas vozes silenciaram. Outras não.

“Pelo menos três mil anos,” o Primeiro Mago falou para o homem de barba. Ele colocou uma das mãos no ombro do oficial recém chegado e se inclinou chegando mais perto. “Diga ao General Brainard para manter posição no Rio Kern. Não queimar as pontes, e sim guardá-las. Diga a ele para espalhar seus homens. Deixar metade para impedir que a força de Urdland mude de idéia; com esperança eles não conseguirão substituir o mago de campo deles. Fazer com que Brainard leve o restante de seus homens ao norte para ajudar a cortar a rota de fuga de Anargo; é ali que está nossa preocupação, mas ainda poderemos precisar das pontes para ir atrás de Urdland.”

Um dos outros oficiais, um homem mais velho parecendo ele mesmo possivelmente ser um general, ficou com o rosto vermelho. “Parar no rio? Quando os chifres fizeram o trabalho deles, e temos eles em retirada? Mas porque! Podemos acabar com eles antes que tenham chance de se reagrupar e se unir com outra força para voltar contra nós!”

Olhos castanhos viraram na direção do homem. “E você sabe o que espera além da fronteira? Quantos homens morrerão se Panis Rahl tiver alguma coisa que os chifres não consigam afugentar esperando? Quantas vidas inocentes isso já nos custou? Quantos de nossos homens morrerão para sangrá-los na própria terra deles – terra que não conhecemos como eles conhecem?”

“E quantos de nosso povo morrerão se nós não eliminarmos sua habilidade de voltar atrás de nós outro dia! Devemos persegui-los. Panis Rahl nunca descansará. Ele estará trabalhando para conjurar mais alguma outra coisa para nos estripar durante o sono. Devemos caçá-los e matar cada um deles!”

“Estou trabalhando nisso,” o Primeiro Mago falou de modo misterioso. O velho torceu a barba e fez um rosto sarcástico. “Sim, ele acha que pode lançar o próprio submundo sobre eles.”

Muitos oficiais, duas das feiticeiras, e um par dos homens usando túnicas pararam para observar com aberta descrença.

A feiticeira que havia trazido Abby até a audiência se aproximou. “Você queria falar com o Primeiro Mago. Fale. Se você perdeu a coragem, então a levarei para fora.”

Abby umedeceu os lábios. Ela não sabia como poderia falar no meio de tal conversação indireta, mas sabia que precisava, então simplesmente começou a falar de novo.

“Senhor, não sei nada sobre o que minha terra natal de Pendisan Reach fez. Sei pouco a respeito do rei. Não sei nada sobre o conselho, ou a guerra, ou qualquer coisa disso. Sou de um lugar pequeno, e só sei que as pessoas ali estão com graves problemas. Nossos defensores foram derrotados pelo inimigo. Tem um exército de homens de Midlands que segue em direção aos D'Harans.”

Ela sentiu-se tola falando com um homem que estava conduzindo meia dúzia de conversas de uma só vez. Na maior parte, porém, ela sentia raiva e frustração. Aquelas pessoas morreriam se ela não conseguisse convencê-lo a ajudar.

“Quantos D'Harans?” o mago perguntou.

Abby abriu a boca, mas um oficial falou no lugar dela. “Não temos certeza de quantos homens restaram na legião de Anargo. Eles podem estar feridos, mas eles são como um touro ferido

furioso. Agora que eles avistam a terra natal deles. Só podem voltar para cima de nós, ou escapar. Nós temos Sanderson fazendo varredura descendo do norte e Mardale cortando pelo sudoeste. Anargo cometeu um erro ao entrar na Passagem; ali dentro ele deve lutar ou correr para casa. Temos que acabar com eles. Essa pode ser a nossa única chance.”

O Primeiro Mago passou os dedos em sua mandíbula lisa. “Ainda assim, não temos certeza dos números deles. Os batedores eram confiáveis, mas eles jamais retornaram. Só podemos assumir que estejam mortos. E porque Anargo faria tal coisa?”

“Bem,” o oficial disse, “é a rota de fuga mais curta de volta para D'Hara.”

O Primeiro Mago virou para a feiticeira para responder uma pergunta que ela acabara de fazer. “Não consigo ver como podemos arcar com isso. Diga a eles que eu falei não. Não lançarei aquele tipo de teia para eles e não darei a eles os meios para isso por nada mais oferecido do que um *talvez*.”

A feiticeira assentiu antes de se afastar.

Abby sabia que uma teia era o feitiço lançado por uma feiticeira. Aparentemente o feitiço lançado por um feiticeiro era chamado da mesma forma.

“Bem, se tal coisa é possível,” o homem barbado estava dizendo, “então eu gostaria de ver a sua interpretação do texto. Um livro de três mil anos é um bocado de risco. Não temos nenhuma pista de como os magos daquela época podiam fazer a maioria das coisas que faziam.”

O Primeiro Mago, pela primeira vez, lançou um olhar ardente na direção do homem. “Thomas, você quer ver exatamente sobre o que estou falando? A forma do feitiço?” Algumas das pessoas ficaram em silêncio com o tom de sua voz. O Primeiro Mago abriu os braços, incitando todos a se afastarem do seu caminho. A Madre Confessora ficou bem perto atrás do ombro esquerdo dele. A feiticeira ao lado de Abby puxou-a um passo para trás.

O Primeiro Mago fez um sinal. Um homem pegou um pequeno saco da mesa e lhe entregou. Abby notou que parte da areia sobre as mesas não estava simplesmente derramada, mas tinha sido usada

para desenhar símbolos. A mãe de Abby ocasionalmente havia desenhado feitiços com areia, mas a maioria usava uma variedade de outras coisas, de ossos da terra a ervas secas. A mãe de Abby tinha usado areia para praticar; feitiços, verdadeiros feitiços, tinham que ser desenhados na ordem correta e sem erro.

O Primeiro Mago se agachou e encheu uma das mãos com areia do saco. Ele desenhava no chão deixando a areia escorrer pelo lado de seu punho.

A mão do Mago Zorander moveu-se com habilidosa precisão. Seu braço fez um giro, desenhando um círculo. Ele pegou mais areia e desenhava um círculo interno. Parecia que ele estava desenhando uma Graça.

A mãe de Abby sempre desenhava o quadrado em segundo lugar; tudo em ordem na parte interna e então os raios saindo. O Mago Zorander desenhava a estrela de oito pontas dentro do círculo menor. Ele desenhava as linhas fazendo radial para fora, através dos dois círculos, mas deixou algo faltando.

Ainda faltava desenhava o quadrado, representando a fronteira entre mundos. Ele era o Primeiro Mago, então Abby imaginava que não era inadequado fazer isso em uma ordem diferente daquela usada por uma feiticeira em um pequeno lugar como Coney Crossing. Mas muitos dos homens que Abby tinha considerado como sendo magos, e as duas feiticeiras atrás dele, estavam trocando olhares preocupados.

O Mago Zorander desenhava as linhas de areia para dois lados do quadrado. Ele retirava mais areia do saco e começava os dois últimos lados.

Ao invés de uma linha reta, ele desenhava um arco que mergulhava dentro da borda do círculo interior – aquele que representava o mundo da vida. O arco, ao invés de terminar no outro círculo, atravessava-o. Ele desenhava o último lado, igualmente arqueado, de modo que ele também cruzava dentro do círculo interno. Ele fez a linha encontrar com a outra onde estava faltando o raio da Luz. De forma diferente das outras três pontas do quadrado, essa última ponta terminava do lado de fora do círculo maior – no mundo dos mortos.

Pessoas arfaram. Uma agitação tomou conta da sala por um momento antes que sussurros preocupados se espalhassem entre aqueles que eram dotados.

O Mago Zorander levantou. "Satisfeito, Thomas?"

O rosto de Thomas tinha ficado tão branco quanto sua barba. "Que o Criador nos guarde." Seus olhos viraram para o Mago Zorander. "O conselho não entende isso de verdade. Seria loucura fazer isso."

O Mago Zorander o ignorou e virou-se na direção de Abby. "Quantos D'Harans você viu?"

"Três anos atrás, vieram os enxames de gafanhotos. Os vales de Crossing ficaram marrons por causa deles. Acho que vi mais D'Harans do que os gafanhotos que vi."

O Mago Zorander soltou um grunhido de descontentamento. Olhou para a Graça que havia desenhado. "Panis Rahl não vai desistir. Quanto tempo, Thomas? Quanto tempo até que ele encontre alguma coisa nova para conjurar e enviar Anargo atrás de nós?" Seu olhar girou entre as pessoas ao redor dele. "Em quantos anos pensamos que seríamos aniquilados pela horda invasora de D'Hara? Quantos de nosso povo foram mortos pela magia de Rahl? Quantos milhares morreram com as febres que ele enviou? Quantos milhares tiveram feridas e sangraram até a morte com o toque do povo da sombra que ele conjurou? Quantas vilas, vilarejos e cidades ele varreu da existência?"

Quando ninguém falou, o Mago Zorander continuou.

"Levou anos para que nós voltássemos da periferia. A guerra finalmente virou; o inimigo está correndo. Agora temos três opções. A primeira opção é deixá-lo correr para casa e esperar que ele jamais volte para nos visitar com sua brutalidade. Acredito que seria apenas uma questão de tempo até que ele tentasse novamente. Isso nos deixa com duas opções realísticas. Podemos persegui-lo dentro do seu covil e matá-lo de verdade ao custo de dezenas, talvez centenas de milhares de nossos homens – ou posso colocar um fim nisso."

Aqueles dotados entre a multidão lançaram olhares inquietos para a Graça desenhada no chão.

“Nós ainda temos outra magia,” outro mago disse. “Podemos usá-la para obter o mesmo efeito sem liberar tal cataclisma.”

“O Mago Zorander está certo,” outro falou, “e o conselho também. O inimigo fez por merecer esse destino. Devemos lançá-lo sobre eles.”

A sala entrou em discussão novamente. Quando isso aconteceu, o Mago Zorander olhou dentro dos olhos de Abby. Era uma clara instrução para que ela concluísse a sua súplica. “Meu povo – o povo em Coney Crossing – foi tomado pelos D'Harans. Eles também possuem outros, que eles capturaram. Eles deixaram uma feiticeira guardando os cativos com um feitiço. Por favor, Mago Zorander, você tem que me ajudar.”

“Quando eu estava escondida, ouvi a feiticeira conversar com os oficiais deles. Os D'Harans planejam usar os cativos como escudos. Eles usarão os cativos para enfraquecer a magia mortal que você enviar contra eles, ou para receber as lanças e flechas que o exército de Midlands atirar contra eles. Se decidirem fazer meia volta e atacar, planejam levar os cativos na frente. Eles chamam isso de “usar as armas dos inimigos” contra suas próprias mulheres e crianças.”

Ninguém olhou para ela. Todos estavam mais uma vez engajados em sua discussão e conversa em massa. Foi como se as vidas de todas aquelas pessoas estivessem abaixo de sua consideração.

Lágrimas brotaram nos olhos de Abby. “De qualquer jeito todas aquelas pessoas inocentes vão morrer. Por favor, Mago Zorander, temos que conseguir sua ajuda, de outro modo todos eles morrerão.”

Ele olhou na direção dela por um momento. “Não há nada que possamos fazer por eles.”

Abby ofegou, tentando segurar as lágrimas. “Meu pai foi capturado, junto com outros de minha família. Meu marido está entre os cativos. Minha filha está entre eles. Ela ainda não tem cinco anos. Se você enviar a magia, eles serão mortos. Se você atacar, eles serão mortos. Você tem que resgatar eles, ou segurar o ataque.”

Ele pareceu genuinamente entristecido. "Sinto muito. Não posso ajudá-los. Que os bons espíritos tomem conta deles e levem suas almas para a Luz." Ele começou a se afastar.

"Não!" Abby gritou. Algumas das pessoas ficaram em silêncio. Outras apenas olharam para ela enquanto continuavam. "Minha criança! Você não pode!" Ela enfiou uma das mãos dentro do saco. "Eu tenho um osso..."

"Todo mundo não tem?" ele resmungou, cortando-a. "Não posso ajudá-la." "Mas você deve!"

"Nós teríamos que abandonar nossa causa. Temos que derrubar a força D'Haran – de um jeito ou de outro. Embora aquelas pessoas sejam inocentes, elas estão no caminho. Não posso permitir que os D'Harans obtenham sucesso em tal esquema ou isso iria encorajar o seu uso com frequência, e então mais inocentes morreriam. Devemos mostrar ao inimigo que isso não irá nos tirar de nosso curso."

"NÃO!" Abby choramingou. "Ela é apenas uma criança! Você está condenando meu bebê à morte! Tem outras crianças! Que tipo de monstro você é?"

Ninguém a não ser o mago estava ao menos escutando mais enquanto continuavam com as conversas deles.

A voz do Primeiro Mago rasgou através do barulho e caiu nos ouvidos dela tão claramente quanto os sinos da morte. "Eu sou um homem que deve fazer escolhas como essa. Tenho que negar seu pedido."

Abby gritou com a agonia do fracasso. Não lhe foi nem permitido mostrar a ele. "Mas é uma dívida!" ela gritou. "Uma dívida solene!"

"E ela não pode ser paga agora."

Abby gritou histericamente. A feiticeira começou a puxá-la para longe. Abby soltou-se da mulher e correu para fora da sala. Ela desceu abalada os degraus de pedra, incapaz de ver através das lágrimas.

No final dos degraus ela se encolheu no chão chorando descontroladamente. Ele não iria ajudar. Ele não ajudaria uma criança indefesa. A filha dela morreria.

Abby, gemendo em convulsões, sentiu uma mão no seu ombro. Braços gentis lhe puxaram mais perto. Dedos suaves esfregaram seu cabelo enquanto ela chorava no colo de uma mulher. A mão de outra pessoa tocou sua costa e ela sentiu o caloroso conforto da magia fluindo dentro dela.

“Ele está matando minha filha,” ela gritou. “Eu odeio ele.”

“Está tudo bem, Abigail,” a voz acima disse. “Está tudo bem chorar por uma dor como essa.”

Abby esfregou os olhos, mas não conseguia deter as lágrimas. A feiticeira estava ali, ao lado dela, no final dos degraus.

Abby olhou para cima, para a mulher nos braços de quem ela estava. Era a própria Madre Confessora. Pelo que Abby sabia, não se importava. Ela poderia fazer o pior que fosse capaz. Que importância teria, que importância qualquer coisa teria agora?

“Ele é um monstro,” ela gemeu. “Ele é chamado pelo nome certo. Ele é o terrível *Vento da Morte*. Dessa vez é o meu bebê que ele está matando, não o inimigo.”

“Eu entendo porque você está sentindo-se assim, Abigail,” a Madre Confessora disse, “mas isso não é verdade.”

“Como pode dizer isso! Minha filha ainda não teve uma chance de viver, e ele vai matá-la! Meu marido vai morrer. Meu pai também, mas ele teve uma chance de viver uma vida. Meu bebê não teve!”

Ela caiu em pranto histérico novamente, e a Madre Confessora mais uma vez a segurou com braços confortantes. Consolo não era o que Abby queria.

“Você só tem uma criança?” a feiticeira perguntou.

Abby assentiu enquanto tomava fôlego. “Eu tive outra, um garoto, mas ele morreu ao nascer. A parteira disse que não terei mais nenhuma. Minha pequena Jana é tudo que terei.” A louca agonia disso irrompeu através dela. “E ele vai matá-la. Do mesmo jeito que matou aquele homem antes de mim. O Mago Zorander é um monstro. Que os bons espíritos o matem!”

Com uma expressão penetrante, a feiticeira afastou o cabelo de Abby da testa dela “Você não entende. Você vê apenas um lado. Você não fala sério quando diz isso.”

Mas ela falava. “Se você tivesse...”

“Delora entende,” a Madre Confessora falou, gesticulando na direção da feiticeira. “Ela tem uma filha de dez anos, e um filho também.”

Abby olhou para a feiticeira. Ela lançou um simpático sorriso para Abby e balançou a cabeça para confirmar a verdade disso.

“Eu, também, tenho uma filha,” a Madre Confessora disse. “Ela tem doze. Delora e eu entendemos sua dor. O Primeiro Mago também.”

Os punhos de Abby se apertaram. “Ele não poderia! Ele mesmo não é mais do que um garoto, e quer matar meu bebê. Ele é o *Vento da Morte* e isso é tudo com que ele se importa – matar pessoas!”

A Madre Confessora deu um tapinha no degrau ao lado dela. “Abigail, sente-se aqui ao meu lado. Deixe que eu fale sobre o homem ali dentro.” Ainda soluçando, Abby se levantou e deslizou para o degrau. A Madre Confessora era mais velha cerca de doze ou quatorze anos, e tinha uma aparência bela, com aqueles olhos violeta. A sua massa de longo cabelo chegava até a sua cintura. Tinha um sorriso caloroso. Para Abby, nunca havia ocorrido pensar em uma Confessora como uma mulher, mas isso era o que ela via agora. Não temia essa mulher como temera antes; nada que ela pudesse fazer poderia ser pior do que o que já tinha sido feito.

“Às vezes eu imagino Zeddicus quando ele ainda não era mais do que um bebê e eu ainda estava me tornando mulher.” A Madre Confessora lançou um olhar com um sorriso melancólico. “Eu batia no bum bum dele quando se comportava mal, e mais tarde puxava suas orelhas para que ele prestasse atenção em uma lição. Ele era a travessura sobre duas pernas, movido não pela maldade mas sim pela curiosidade. Ele cresceu tornando-se um homem bom.”

“Por muito tempo, quando a guerra com D'Hara começou, o Mago Zorander não nos ajudaria. Ele não queria lutar, machucar pessoas. Mas no final, quando Panis Rahl, o líder de D'Hara, começou a usar magia para massacrar nosso povo, Zedd soube que no final, o único modo de salvar mais vidas era lutar.”

“Zeddicus Zu'l Zorander pode lhe parecer jovem, como pareceu para muitos de nós, mas ele é um mago especial, nascido de um

mago e uma feiticeira. Zedd era um prodígio. Até mesmo aqueles outros magos ali dentro, alguns deles seus professores, não entendem sempre como ele é capaz de solucionar alguns dos enigmas nos livros ou como ele usa seu dom para gerar tanto poder para carregar, mas nós entendemos que ele tem coração. Ele usa o coração dele, tão bem como sua cabeça. Ele foi nomeado Primeiro Mago por todas essas coisas e mais.”

“Sim,” Abby disse, “ele é muito talentoso sendo o *Vento da Morte*.”

A Madre Confessora abriu um pequeno sorriso. Ela bateu no peito. “Entre nós, aqueles de nós que realmente o conhecem chamam-no de *O Enganador*. *O Enganador* é o nome que ele ganhou de verdade. Nós o chamamos de vento da morte para que os outros escutem, assim como para espalhar o terror dentro dos corações do inimigo. Algumas pessoas do nosso lado levam aquele nome no coração. Talvez, uma vez que sua mãe era dotada, você possa entender como as pessoas às vezes temem irracionalmente aqueles que possuem magia?”

“E às vezes,” Abby argumentou, “aqueles que possuem magia realmente são monstros que não se importam nem um pouco com as vidas que destroem.”

A Madre Confessora avaliou os olhos de Abby por um momento, e então levantou um dedo em forma de aviso. “Em confidência, vou falar a você sobre Zeddicus Zu'l Zorander. Se você alguma vez repetir essa história, jamais a perdoarei por trair minha confiança.” “Não trairei, mas não vejo...”

“Apenas escute.”

Depois que Abby ficou em silêncio a Madre Confessora começou.

“Zedd casou-se com Erilyn. Ela foi uma linda mulher. Todos nós a amávamos muito, mas não tanto quanto ele. Eles tiveram uma filha.”

A curiosidade de Abby a dominou. “Quantos anos ela tem?” “Aproximadamente a idade de sua filha,” falou Delora.

Abby suspirou. “Entendo.”

“Quando Zedd tornou-se Primeiro Mago, as coisas estavam ruins. Panis Rahl tinha conjurado o povo das sombras.”

“Eu sou de Coney Crossing, nunca ouvi falar de tal coisa.” “Bem, a guerra tinha sido ruim o bastante, mas então Panis Rahl ensinou aos seus magos como conjurar o povo das sombras.” A Madre Confessora suspirou com a angústia de recontar a história. Eles são chamados assim porque são como sombras no ar. Eles não possuem nenhum aspecto ou forma precisa. Não são seres vivos, mas criados pela magia. Armas não possuem mais efeito sobre eles do que teriam em fumaça.

“Você não pode se esconder do povo das sombras. Eles seguem na sua direção através de campos, ou florestas. Eles o encontram.”

“Quando tocam alguém, todo o corpo da pessoa fica cheio de feridas e inchaços até que sua carne se rasga. Eles morrem gritando de agonia. Nem mesmo os dotados podem curar alguém tocado por uma pessoa sombra.”

“Quando o inimigo atacava, seus magos enviavam o povo da sombra na frente. No início, batalhões inteiros de nossos bravos jovens soldados foram encontrados mortos. Não vimos esperança alguma. Era nossa hora mais sombria.”

“E o Mago Zorander conseguiu deter eles?” Abby perguntou.

A Madre Confessora confirmou balançando a cabeça. “Ele estudou o problema e então conjurou chifres de batalha. A magia deles varreu o povo das sombras como fumaça ao vento. A magia que vinha dos chifres também traçou seu caminho de volta através do feitiço, para procurar aqueles que o tinham lançado, e matá-los. Porém, os chifres não são à prova de falhas, e Zedd deve alterar constantemente a magia deles para adaptá-la ao modo como o inimigo muda sua conjuração.”

“Panis Rahl também invocou outras magias: febres e doenças, espalhando enfermidades, nevoeiros que causavam cegeira – todos os tipos de horrores. Zedd trabalhou dia e noite, e conseguiu acabar com todos. Enquanto a magia de Panis Rahl estava sendo contida, nossas tropas eram capazes mais uma vez de lutar em termos iguais. Por causa do Mago Zorander, a maré da guerra virou.”

“Bem, tudo isso é muito bom, mas...”

A Madre Confessora levantou seu dedo novamente, exigindo silêncio. Abby segurou sua língua enquanto a mulher baixava a mão e continuava.

“Panis Rahl estava enfurecido com o que Zedd tinha feito. Ele tentou matá-lo e falhou, então ao invés disso ele enviou um Quad para matar Erilyn.”

“Um Quad? O que é um Quad?”

“Um Quad,” a feiticeira respondeu, “é uma unidade de quatro assassinos especiais enviados com a proteção de um feitiço daquele que os enviou: Panis Rahl. Sua missão não é apenas de matar a vítima, mas de fazer isso de um modo inimaginavelmente torturante e brutal.”

Abby engoliu em seco. “E eles... mataram a esposa dele?”

A Madre Confessora chegou mais perto. “Pior. Eles a deixaram, com suas pernas e braços todos quebrados, para ser encontrada ainda viva.”

“Viva?” Abby sussurrou. “Porque eles a deixariam viva, se era a missão deles matá-la?”

“Assim Zedd a encontraria toda quebrada, sangrando e em inconcebível agonia. Ela só era capaz de sussurrar o nome dele.” A Madre Confessora aproximou-se mais ainda. Abby podia sentir as palavras sussurradas da mulher contra o seu rosto. “Quando ele usou o dom para tentar curá-la, isso ativou um feitiço verme.”

Abby teve que fazer um esforço para piscar. “Feitiço verme... ?”

“Nenhum mago seria capaz de detectá-lo.” A Madre Confessora colocou os dedos em forma de garra e, na frente do estômago de Abby, moveu sua mão em um gesto como o de rasgar. “O feitiço dilacerou as entranhas dela. Por ele ter usado o seu amado toque mágico, ela morreu gritando de dor enquanto ele se ajoelhava impotente ao lado dela.”

Encolhendo-se, Abby tocou o seu próprio estômago, quase sentindo o ferimento. “Isso é terrível.”

Os olhos violeta da Madre Confessora mantiveram um olhar de ferro. “O Quad também pegou a filha deles. A filha deles, que tinha visto tudo que aqueles homens fizeram com a mãe dela.”

Abby sentiu de novo as lágrimas queimando seus olhos. “Eles fizeram aquilo com a filha dele também?”

“Não,” a Madre Confessora falou. “Eles a mantiveram cativa.” “Então ela ainda está viva? Ainda há esperança?”

O vestido branco de cetim da Madre Confessora esvoaçou suavemente quando ela se inclinou para trás contra a balaustrada de mármore branco e repousou as mãos no colo. “Zedd foi atrás do Quad. Ele os encontrou, mas a filha dele tinha sido entregue para outros, e eles ainda a passaram para outros, e assim por diante, então eles não tinham idéia alguma de quem estava com ela, ou onde ela poderia estar.”

Abby olhou para a feiticeira e depois novamente para a Madre Confessora. “O que o Mago Zorander fez com o Quad?”

“Nada menos do que eu mesmo teria feito.” A Madre Confessora olhava através de uma máscara fria de fúria. “Ele fez com que eles se arrependessem até mesmo de terem nascido. Por um longo tempo ele os fez se arrependerem.”

Abby se encolheu. “Entendo.”

Quando a Madre Confessora soltou um leve suspiro, a feiticeira continuou a história. “Enquanto falamos, o Mago Zorander usa um feitiço que nenhum de nós entende; ele mantém Panis Rahl em seu palácio em D'Hara. Ele ajuda a enfraquecer a magia que Rahl é capaz de conjurar contra nós, e permite que nossos homens conduzam as tropas dele de volta para o lugar de onde vieram.

“Mas Panis Rahl está consumido pelo ódio do homem que tem frustrado sua conquista de Midlands. Dificilmente uma semana passa em que uma tentativa contra a vida do Mago Zorander não seja feita. Rahl envia pessoas perigosas e vis de todos os tipos. Até as Mord-Sith.”

A respiração de Abby ficou presa. Essa era uma palavra que tinha escutado. “O que são Mord-Sith?”

A feiticeira passou uma das mãos em seu lustroso cabelo negro enquanto olhava com uma expressão terrível. “Mord-Sith são mulheres que, juntamente com seus uniformes de couro vermelho, usam apenas uma longa trança como a marca de sua profissão. Elas são treinadas na tortura e assassinato daqueles que possuem o

dom. Se uma pessoa dotada tenta usar sua magia contra uma Mord-Sith, ela é capaz de capturar a magia e usá-la contra eles. Não há como escapar de uma Mord-Sith.”

“Mas com certeza, uma pessoa com o dom tão forte como o Mago Zorander...”

“Até mesmo ele estaria perdido se tentasse usar magia contra uma Mord-Sith,” a Madre Confessora falou. “Uma Mord-Sith pode ser derrotada com armas comuns – mas não com magia. Apenas a magia de uma Confessora funciona contra elas. Eu matei duas.”

“Em parte por causa da natureza brutal do treinamento de uma Mord-Sith, elas foram declaradas como foras-da-lei tanto quanto qualquer um sabe, mas em D'Hara a terrível tradição de pegar mulheres jovens para serem doutrinadas como Mord-Sith continua até o dia de hoje. D'Hara é uma terra distante e cheia de segredos. Não sabemos muito a respeito dela, a não ser o que aprendemos com desafortunada experiência.”

“Mord-Sith têm capturado muitos de nossos magos e feiticeiras. Uma vez capturados, eles não podem matar a si mesmos, nem podem escapar. Antes que morram, eles entregam tudo que sabem. Panis Rahl sabe de nossos planos.”

“Nós, também, conseguimos colocar nossas mãos em muitos D'Harans de alta posição, e através do toque das Confessoras, sabemos a extensão do quanto estivemos sendo comprometidos. O tempo trabalha contra nós.”

Abby esfregou as palmas das mãos nas coxas. “E aquele homem que foi morto pouco antes que eu fosse ver o Primeiro Mago, ele não poderia ser um assassino; os dois com ele foram liberados para ir embora.”

“Não, ele não era um assassino.” A Madre Confessora cruzou as mãos. “Acredito que Panis Rahl sabe do feitiço que o Mago Zorander descobriu, que ele tem o poder de obliterar todos em D'Hara. Panis Rahl está desesperado para se livrar do Mago Zorander.”

Os olhos violeta da Madre Confessora pareceram cintilar com afiada inteligência. Abby desviou o olhar e pegou em um fio solto do saco. “Mas não consigo ver o que isso tem a ver com negar ajuda para salvar minha filha. Ele tem uma filha. Ele não faria qualquer

coisa para tê-la de volta? Ele não faria o que fosse preciso para ter sua filha de volta e segura?”

A cabeça da Madre Confessora baixou e ela passou os dedos pela testa, como se tentasse tocar em um local onde houvesse dor. “O homem que veio antes de você era um mensageiro. Sua mensagem foi passada através de muitas mãos para que não pudesse ser rastreada até sua origem.”

Abby sentiu arrepios de frio subindo pelos braços. “Qual era a mensagem?”

“O tufo de cabelo que ele trouxe era da filha de Zedd. Panis Rah ofereceu a vida da filha de Zedd se Zedd concordasse em se entregar a Panis Rahl para ser executado.”

Abby agarrou o saco com força. “Mas um pai que amasse sua filha não faria até mesmo isso para salvar a vida dela?”

“A que custo?” a Madre Confessora sussurrou. “Ao custo das vidas de todos aqueles que morreriam sem a ajuda dele?”

“Ele não poderia fazer uma coisa tão egoísta, nem mesmo para salvar a vida de uma pessoa que ama mais do que qualquer outra. Antes de negar ajuda para sua filha, ele tinha acabado de recusar a oferta, sentenciando assim sua própria filha inocente à morte.”

Abby sentiu novamente suas esperanças lançadas na escuridão. O pensamento no terror de Jana, de ela ser ferida, deixou Abby tonta e doente. Lágrimas começaram a descer de novo pelo seu rosto.

“Mas não estou pedindo que ele sacrifique todos os outros para salvá-la.”

A feiticeira tocou o ombro de Abby gentilmente. “Ele acredita que poupar aquelas pessoas do sofrimento significaria deixar os D'Harans escaparem para matar mais pessoas no final.”

Abby procurou desesperadamente por uma solução. “Mas eu tenho um osso.”

A feiticeira suspirou. “Abigail, metade das pessoas que aparecem para ver um mago carregam um osso. Vendedores ambulantes convencem os suplicantes de que eles são ossos verdadeiros. Pessoas desesperadas, assim como você, os compram.”

“A maioria deles procuram um mago para que ele, de algum modo, lhes dê uma vida livre da magia,” a Madre Confessora disse. “A maioria das pessoas tem medo da magia, mas eu temo que pelo modo como ela está sendo usada por D'Hara, agora eles não querem mais nada tanto quanto nunca mais ver magia novamente. Uma razão irônica para comprar um osso, e é duplamente irônico que eles comprem ossos falsos, pensando que eles possuem magia, com o objetivo de pedir para ficarem livres da magia.”

Abby piscou. “Mas eu não comprei nenhum osso. Essa é uma dívida verdadeira. Em seu leito de morte minha mãe falou isso. Ela disse que era o próprio Mago Zorander quem estava comprometido.”

A feiticeira olhou de lado mostrando descrença. “Abigail, dívidas verdadeiras dessa natureza são extremamente raras. Talvez fosse um osso que ela tivesse e você apenas imaginou isso.”

Abby segurou o saco aberto para que a feiticeira visse. A feiticeira olhou dentro dele e ficou em silêncio. A própria Madre Confessora olhou dentro do saco.

“Eu sei o que a minha mãe falou,” Abby insistiu. “Ela também disse que se houvesse qualquer dúvida, ele teria que testá-lo, então ele saberia que era verdadeiro, pois a dívida lhe foi passada pelo pai dele.”

A feiticeira tocou nos colares em sua garganta. “Ele poderia testá-lo. Se for verdadeiro, ele saberia. Mesmo assim, tão solene quanto a dívida possa ser, isso não significa que a dívida teria que ser paga agora.”

Abby se inclinou na direção da feiticeira. “Minha mãe disse que é uma dívida verdadeira, e que ela deve ser paga. Por favor, Delora, você conhece a natureza dessas coisas. Eu estava tão confusa quando encontrei com ele, com todas aquelas pessoas gritando. Eu falhei tolamente em fazer pressão no meu caso pedindo a ele para testá-lo.” Ela virou e agarrou o braço da Madre Confessora. “Por favor, me ajude? Diga a ele o que tenho e peça que ele teste?”

A Madre Confessora considerou por trás de uma expressão vazia. Finalmente ela falou. “Isso envolve uma dívida selada por magia. Tal coisa deve ser considerada seriamente. Eu falarei com o

Mago Zorander em seu nome e pedirei que você seja recebida em uma audiência particular.”

Abby fechou os olhos bem apertado enquanto lágrimas caíam outra vez. “Obrigada.” Ela colocou o rosto nas mãos e começou a chorar de alívio com a chama da esperança reacesa.

A Madre Confessora agarrou os ombros de Abby. “Eu falei que vou tentar. Ele pode negar meu pedido.”

A feiticeira disparou uma risada desprovida de humor. “Talvez não. Eu também vou puxar as orelhas dele. Mas Abigail, isso não quer dizer que podemos convencê-lo a lhe ajudar – com ou sem osso.”

Abby enxugou o rosto. “Eu entendo. Obrigada, a vocês duas. Obrigada a vocês duas por entenderem.”

Com um polegar, a feiticeira enxugou uma lágrima do queixo de Abby. “Dizem que a filha de uma feiticeira é uma filha para todas as feiticeiras.”

A Madre Confessora ficou de pé e alisou seu vestido branco. “Delora, talvez você possa levar Abigail para um alojamento para mulheres viajantes. Ela deve descansar um pouco. Você tem dinheiro, criança?”

“Sim, Madre Confessora.”

“Bom. Delora vai levá-la até um quarto para você passar a noite. Retorne ao Castelo um pouco antes do nascer-do-sol. Encontraremos com você e avisaremos se conseguimos convencer Zedd a testar o seu osso.”

“Vou rezar para os bons espíritos que o Mago Zorander me receba e ajude minha filha.” De repente Abby sentiu vergonha de suas próprias palavras. “E vou rezar também, pela filha dele.”

A Madre Confessora colocou as mãos nas bochechas de Abby. “Reze por todos nós, criança. Reze para que o Mago Zorander libere a magia contra D'Hara, antes que seja tarde demais para todas as crianças de Midlands – sejam elas jovens ou não.”

Durante a caminhada delas até a cidade, Delora continuou a conversa sobre as preocupações e esperanças de Abby, e sobre como a magia poderia contribuir em ambas. De alguns modos, conversar com a feiticeira lembrava as conversas com a mãe dela.

Feiticeiras evitavam conversar sobre magia com uma pessoa não dotada, filha ou não. Abby tinha a sensação de que era tão desconfortável para elas quanto foi para Abby quando Jana perguntou o que acontecia para uma mãe ter uma filha em sua barriga.

Embora fosse tarde, as ruas estavam cheias de pessoas. Conversas preocupadas sobre a guerra flutuavam até os ouvidos de Abby de todas as direções. Em um canto um grupo de mulheres murmurava chorosamente sobre homens que partiram por meses sem dar notícia alguma.

Delora levou Abby descendo por uma rua com mercados para que ela comprasse um pequeno pedaço de pão assado com carne e azeitonas dentro, Abby não estava realmente com fome. A feiticeira a fez prometer que comeria. Não querendo fazer nada que causasse desaprovação, Abby prometeu.

O alojamento ficava subindo por uma estrada lateral entre construções bem próximas umas das outras. A barulheira do mercado subia pela rua estreita e ecoava em volta das casas e pelos pátios com a facilidade do canto de um pássaro através de uma densa floresta. Abby ficou imaginando como as pessoas conseguiam suportar viver tão próximas e sem nada para ver a não ser outras casas e pessoas. Ela também imaginou como seria capaz de dormir com todos os sons estranhos e o barulho, mas de qualquer jeito, o sono raramente chegava desde que havia saído de casa, apesar das noites tranquilas no campo.

A feiticeira desejou boa noite para Abby, colocando-a nas mãos de uma mulher de aparência mal-humorada de poucas palavras que a conduziu até um quarto no final de um longo corredor e a deixou para seu descanso noturno, depois de receber uma moeda de prata. Abby sentou na ponta da cama e, sob a luz de uma simples lamparina colocada em uma prateleira perto da cama, olhou o pequeno quarto enquanto beliscava o pedaço de pão. A carne dentro dele estava dura e fibrosa, mas tinha um sabor agradável, com pimenta, sal e alho.

Sem uma janela, o quarto não era tão barulhento quanto Abby havia temido que deveria ser. A porta não tinha trinco, mas a mulher

que mantinha a casa havia dito com um resmungo que ela não precisava se preocupar, que não era permitido ter homem algum no estabelecimento. Abby colocou o pão de lado e, em uma bacia em cima de um suporte a dois passos cruzando o quarto, lavou o rosto. Ela estava surpresa como isso deixou a água tão suja.

Girou a pequena chave na lamparina, baixando o pavio tão longe quanto ele poderia ir sem apagar a chama; ela não gostava de dormir no escuro em um lugar estranho. Deitando na cama, observando o teto manchado de água, rezou ardentemente aos bons espíritos, apesar de saber que eles iriam ignorar um pedido do tipo que ela fez. Fechou os olhos e também rezou pela filha do Mago Zorander. Suas preces foram fragmentadas por medos que pareciam enfiar suas garras em suas entranhas.

Ela não sabia quanto tempo tinha ficado deitada na cama, desejando que o sono tomasse conta dela, desejando que o amanhecer chegasse, quando a porta chiou abrindo-se lentamente. Uma sombra subiu na parede mais afastada.

Abby congelou, olhos arregalados, respiração presa com força, enquanto ela observava a figura agachada mover-se na direção da cama. Não era a mulher da casa. Ela seria mais alta. Os dedos de Abby apertaram o cobertor esfarrapado, pensando que talvez ela pudesse jogá-lo em cima do intruso e então correr até a porta.

“Não fique alarmada, querida. Eu vim apenas para ver se você teve sucesso lá no Castelo.”

Abby engoliu ar e sentou na cama. “Mariska?” Era a velha que estivera esperando com ela na fila o dia todo. “Você me deu um grande susto!”

A pequena chama da lamparina refletiu em um brilho assustador nos olhos da mulher enquanto ela analisava o rosto de Abby. “Há coisas piores para temer do que a sua própria segurança.”

“O que você quer dizer?”

Mariska sorriu. Não foi um sorriso confortador. “Conseguiu o que queria?” “Eu vi o Primeiro Mago, se é isso que está querendo dizer.”

“E o que ele disse, querida?”

Abby virou os pés para fora da cama. “Isso é assunto meu.”

O sorriso dissimulado cresceu. "Oh, não, querida, é assunto nosso." "O que você quer dizer com isso?"

"Responda a pergunta. Você não tem muito tempo. Sua família não tem muito tempo."

Abby levantou rapidamente. "Como você..."

A velha agarrou o pulso de Abby e torceu até que Abby foi forçada a sentar. "O que disse o Primeiro Mago?"

"Ele disse que não poderia me ajudar. Por favor, isso dói. Me larga."

"Oh, querida, isso é ruim demais, é mesmo. Ruim demais para sua pequena Jana." "Como... como sabe sobre ela? Eu nunca..."

"Então, o Mago Zorander negou seu pedido. Que notícia triste." Ela estalou a língua. "Pobre, desafortunada, pequena Jana. Você foi avisada. Sabia o preço do fracasso."

Ela soltou o pulso de Abby e se virou. A mente de Abby explodiu em pânico enquanto a mulher se arrastou na direção da porta. "Não! Por favor! Eu falarei com ele de novo, amanhã. Ao nascer-do-sol." Mariska olhou para trás por cima do ombro. "Por que? Por que ele concordaria em vê-la novamente, depois que negou a você? Mentir não vai ganhar nem mais um pouco de tempo para sua filha. Isso não vai dar a ela nada."

"É verdade. Eu juro pela alma de minha mãe. Eu conversei com a feiticeira, aquela que nos levou lá dentro. Conversei com ela e a Madre Confessora, depois que o Mago Zorander negou meu pedido. Elas concordaram em convencê-lo a me fornecer uma audiência particular."

A sobancelha dela se inclinou. "Por que elas fariam isso?"

Abby apontou para o saco na ponta da cama. "Eu mostrei para elas o que eu trouxe."

Com um dedo retorcido, Mariska abriu o saco. Ela olhou por um momento e então chegou mais perto de Abby. "Você ainda tem que mostrar isso para o Mago Zorander?"

"Isso mesmo. Elas vão conseguir uma audiência com ele. Tenho certeza. Amanhã, ele vai me receber."

Do seu largo cinto, Mariska tirou uma faca. Ela balançou-a para frente e para trás diante do rosto de Abby. "Estamos ficando

cansados de esperar por você.” Abby lambeu os lábios. “Mas eu...”

“De manhã eu partirei para Coney Crossing. Partirei para ver sua assustada pequena Jana.” A mão dela deslizou por trás do pescoço de Abby. Dedos parecidos com raízes de carvalho agarraram o cabelo de Abby, mantendo a cabeça dela imóvel. “Se você levar ele logo atrás de mim, ela ficará livre, como lhe foi prometido.”

Abby não podia balançar a cabeça. “Levarei. Eu juro. Convencerei ele. Ele está comprometido por uma dívida.” Mariska colocou a ponta da faca tão perto do olho de Abby que tocou nos cílios dela. Abby teve medo de piscar.

“Chegue tarde, e eu enfiarei minha faca no olho da pequena Jana. Atravessarei ele. Deixarei o outro para que ela possa ver enquanto eu cortarei fora o coração do pai dela, justamente para que ela saiba o quanto vai doer quando eu cortar o dela. Você entendeu, querida?”

Abby só conseguiu gemer que havia entendido, enquanto lágrimas desciam pelas suas bochechas.

“É uma boa garota.” Mariska sussurrou tão perto que Abby foi forçada a respirar o cheiro de lingüiça do jantar da mulher. “Se nós ao menos suspeitarmos de qualquer truque, todos eles morrerão.”

“Sem truques. Vou me apressar. Levarei ele.”

Mariska beijou a testa de Abby. “Você é uma boa mãe.” Ela soltou o cabelo de Abby. “Jana ama você. Ela chora por você dia e noite.”

Depois que Mariska fechou a porta, Abby se enrolou em uma bola tremendo na cama e chorou encostada nos seus dedos.

Delora se aproximou enquanto elas marchavam pela larga plataforma. “Tem certeza que você está bem, Abigail?”

O vento batia no cabelo dela, lançando-o contra o seu rosto. Afastando-o dos olhos, Abby olhou para a cidade que se espalhava logo abaixo começando a sair da obscuridade. Ela estivera fazendo uma prece silenciosa para o espírito de sua mãe.

“Sim. Eu só tive uma noite ruim. Não consegui dormir.”

O ombro da Madre Confessora encostou em Abby pelo outro lado. “Nós entendemos. Pelo menos ele concordou em recebê-la. Ganhe conforto com isso. Ele é um homem bom, realmente é.”

“Obrigada,” Abby sussurrou envergonhada. “Obrigada a vocês duas por me ajudar.” As pessoas que esperavam pela plataforma – magos, feiticeiras, oficiais, e outros –

todos ficaram em silêncio por um momento e se curvaram na direção da Madre Confessora quando as três mulheres passaram. Entre muitas pessoas que ela reconheceu do dia anterior, Abby viu o mago Thomas, resmungando consigo mesmo e parecendo bastante impaciente e irritado enquanto remexia em um monte de papéis cobertos com o que Abby reconheceu como símbolos mágicos.

No final da plataforma elas chegaram até o rosto de pedra de uma torre arredondada. Um pequeno telhado logo adiante se projetava descendo baixo por cima de uma porta com a parte superior redonda. A feiticeira bateu na porta e abriu-a sem esperar por uma resposta. Ela percebeu o levantar de sobrancelha de Abby.

“Ele raramente ouve a batida,” ela explicou em um tom apressado.

A sala de pedra era pequena, mas guardava uma sensação aconchegante. Uma janela redonda do lado direito fornecia uma visão ampla da cidade abaixo e outra do lado oposto mostrava altivas paredes do Castelo, as maiores que ficavam mais afastadas brilhavam rosadas sob os primeiros raios fracos do amanhecer. Um elaborado candelabro de ferro continha um pequeno exército de velas que geravam um brilho caloroso na sala.

O Mago Zorander, seu cabelo castanho ondulado rebelde pendurado ao redor de seu rosto enquanto ele se inclinava sobre as mãos, estava absorvido em estudar um livro que jazia aberto sobre a mesa. As três mulheres pararam.

“Mago Zorander,” a feiticeira anunciou, “nós trouxemos Abigail, nascida de Helsa.” “Danação, mulher,” o mago queixou-se sem levantar o olhar, “Escutei você bater, como sempre escuto.”

“Não pragueje comigo, Zeddicus Zu'l Zorander,” Delora resmungou de volta.

Ele ignorou a feiticeira, esfregando seu queixo liso enquanto analisava o livro diante dele. “Bem-vinda, Abigail.”

Os dedos de Abby vasculharam no saco. Mas então ela se lembrou e fez uma reverência. “Obrigada por me receber, Mago Zorander. É de vital importância que eu tenha sua ajuda. Como já lhe falei, as vidas de crianças inocentes estão em risco.”

O Mago Zorander finalmente olhou para cima. Depois de observá-la por um longo momento ele ficou ereto. “Onde fica a linha?”

Abby olhou para a feiticeira que estava de um lado dela e então para a Madre Confessora do outro lado. Nenhuma delas olhou de volta.

“Me desculpe, Mago Zorander? A linha?” A sobrancelha do mago desceu. “Você implica um alto valor para uma vida por causa de uma idade jovem. A linha, minha querida criança, através da qual o valor da vida torna-se insignificante. Onde fica a linha?”

“Mas uma criança...”

Ele levantou um dedo como aviso. “Não pense em jogar com minhas emoções ao jogar comigo com o valor da vida de uma criança, como se um valor pudesse ser colado na vida por causa da idade. Quando é que a vida vale menos? Onde fica a linha? Em que idade? Quem decide?”

“Todas as vidas possuem valor. Um morto está morto, não importa a idade. Não pense em produzir uma suspensão de minha razão com um rígido, distorcer calculado da emoção, como alguns dissimulados que possuem um cargo privilegiado mexendo com as paixões de uma multidão desmiolada.”

Abby ficou sem palavras com tal advertência. O mago virou sua atenção para a Madre Confessora.

“Falando em burocratas, o que o conselho tem a dizer?”

A Madre Confessora juntou as mãos e suspirou. “Eu disse a eles suas palavras.

Colocando de modo simples, eles não se importam. Eles querem que isso seja feito.”

Ele grunhiu descontente. “Eles querem, agora?” Seus olhos castanhos viraram para Abby. “Parece que o conselho não se importa nem mesmo com as vidas de crianças, quando as crianças são D'Haran.” Ele passou uma das mãos pelos seus olhos de

aparência cansada. “Não posso dizer que não entendo o raciocínio deles, ou que discordo deles, mas, queridos espíritos, não são eles que farão isso. Não será pelas mãos deles. Serão as minhas.”

“Eu entendo, Zedd,” a Madre Confessora murmurou.

Mais uma vez ele pareceu notar Abby parada diante dele. Ele a estudou como que ponderando algum pensamento profundo. Isso a deixou inquieta. Ele estendeu sua mão e sacudiu os dedos. “Então, deixe-me ver.”

Abby deu um passo se aproximando da mesa enquanto enfiava a mão no saco.

“Se você não puder ser convencido a ajudar pessoas inocentes, então talvez isso signifique alguma coisa mais para você.”

Ela tirou o crânio de sua mãe do saco e o colocou na palma da mão virada para cima do mago. “Essa é uma dívida de ossos. Eu a declaro cobrada.”

Ele ergueu uma sobrancelha. “É costumeiro trazer apenas um pequeno fragmento de osso, criança.”

Abby sentiu seu rosto ficar vermelho. “Eu não sabia,” ela gaguejou. “Queria ter certeza de que havia o bastante para testar... ter certeza de que você acreditaria em mim.”

Ele passou suavemente uma das mãos sobre a parte superior do crânio. “Um pedaço menor do que um grão de areia é suficiente.” Ele observou os olhos de Abby. “A sua mãe não lhe disse?”

Abby balançou a cabeça. “Ela só falou que essa era uma dívida passada de seu pai para você. Ela disse que a dívida deveria ser paga se ela fosse declarada cobrada.”

“Realmente ela deve,” ele sussurrou.

Mesmo enquanto falava, as mãos dele estavam deslizando para frente e para trás sobre o crânio. O osso estava embotado e manchado pela sujeira da qual Abby o tinha retirado, não tinha de modo algum o branco puro que ela imaginou que ele teria. Ela ficou horrorizada em ter que desenterrar os ossos de sua mãe, mas a alternativa lhe causava mais horror ainda.

Sob os dedos do mago, o osso do crânio começou a brilhar com uma suave luz âmbar. A respiração de Abby quase parou quando o ar zuniu, como se os próprios espíritos sussurrassem para

o mago. A feiticeira remexeu os colares no pescoço dela. A Madre Confessora mordeu o lábio inferior. Abby rezou.

O Mago Zorander colocou o crânio sobre a mesa e virou suas costas para elas. O brilho âmbar desapareceu.

Quando ele não falou nada, Abby falou em meio ao pesado silêncio. "Bem? Você está satisfeito? O seu teste provou que essa é uma dívida verdadeira?"

"Oh, sim," ele disse tranquilamente sem virar para elas. "Essa é uma dívida de ossos verdadeira, ligada pela magia invocada até que a dívida seja paga."

Os dedos de Abby ficaram tensos na borda desgastada do saco. "Eu disse. Minha mãe não teria mentido para mim. Ela me falou que se não fosse paga enquanto estava viva, ela se tornaria uma dívida de ossos sobre a sua morte."

O mago virou lentamente para encará-la. "E ela lhe disse alguma coisa sobre o motivo da dívida?"

"Não." Abby olhou furtivamente com o canto dos olhos para Delora antes de continuar. "Feiticeiras guardam bem os segredos, e revelam apenas aquilo que serve aos propósitos delas."

Com um leve e rápido sorriso, ele grunhiu sua compreensão.

"Ela só disse que eram o seu pai e ela que estavam comprometidos, e que até que ela fosse paga continuaria a passar para os descendentes de cada um." "Sua mãe falou a verdade. Mas isso não significa que ela tem que ser paga agora."

"Essa é uma dívida de ossos solene." A frustração e o medo de Abby explodiram. "Eu a declaro cobrada! Você vai ceder a essa obrigação!"

As duas, a feiticeira e a Madre Confessora olharam para as paredes, inquietas com uma mulher, uma mulher não dotada, levantando a voz para o Primeiro Mago em pessoa. De repente Abby imaginou se poderia ser atingida pela morte por tal insolência. Mas se ele não ajudasse, isso não teria importância.

A Madre Confessora desviou os possíveis resultados da explosão de Abby com uma pergunta. "Zedd, a sua leitura falou a respeito da natureza do motivo da dívida?"

“Certamente falou,” ele disse. “Meu pai, também, me falou sobre uma dívida. Meu teste provou que essa é aquela da qual ele falou, e que a mulher parada diante de mim carrega a outra metade do elo.”

“Então, qual era o motivo?” perguntou a feiticeira.

Ele virou as palmas das mãos para cima. “Parece que escapuliu da minha mente.

Sinto muito; descobri que estou mais esquecido do que o normal ultimamente.” Delora bufou. “E você ousa chamar as feiticeiras de taciturnas?”

O Mago Zorander ponderou silenciosamente por um momento e então virou o olhar para a Madre Confessora. “O conselho quer que isso seja feito, não quer?” Ele deu um leve sorriso. “Então será feito.”

A Madre Confessora inclinou a cabeça. “Zedd... você tem certeza disso?” “Sobre o que?” Abby perguntou. “Você vai honrar ou não a dívida?”

O mago encolheu os ombros. “Você declarou a dívida cobrada.” Ele pegou um pequeno livro da mesa e enfiou em um bolso em sua túnica. “Quem sou eu para discutir?”

“Queridos espíritos,” a Madre Confessora sussurrou para si mesma. “Zedd, só porque o conselho...”

“Eu sou apenas um mago,” ele disse, cortando-a, “servindo as vontades e desejos do povo.”

“Mas se viajar até esse lugar estará se expondo a um perigo desnecessário.”

“Eu tenho que estar perto da fronteira – ou isso irá reivindicar também partes de Midlands. Coney Crossing é um lugar tão bom quanto qualquer outro para disparar a conflagração.”

Por causa da preocupação, quando sentiu o alívio, Abby malmente estava ouvindo qualquer outra coisa que ele falou. “Obrigada, Mago Zorander. Obrigada.”

Ele caminhou ao redor da mesa e segurou o ombro dela com dedos finos que tinham uma força surpreendente.

“Nós estamos ligados, você e eu, por uma dívida de ossos. Os caminhos de nossas vidas se cruzaram.” O sorriso dele pareceu ao

mesmo tempo triste e sincero. Seus dedos poderosos fecharam-se ao redor do pulso dela, em volta do bracelete, e ele colocou nas mãos dela o crânio da mãe. “Por favor, Abby, me chame de Zedd.”

Quase chorando, ela assentiu. “Obrigada, Zedd.”

Do lado de fora, na luz da manhã, eles foram abordados pela multidão que esperava.

O mago Thomas, balançando seus papéis, abriu caminho.

“Zorander! Estive estudando esses elementos que você forneceu. Tenho que falar com você.”

“Então fale,” o Primeiro Mago disse enquanto marchava. A multidão seguia em seu rastro. “Isso é loucura.”

“Eu nunca disse que não era.”

O mago Thomas balançou os papéis como se fossem uma prova. “Não pode fazer isso, Zorander!”

“O conselho decidiu que deve ser feito. A guerra deve ser terminada enquanto nós temos a vantagem e antes que Panis Rahl apareça com alguma coisa que não sejamos capazes de enfrentar.”

“Não, eu quero dizer que estive estudando essa coisa, e você não será capaz de fazer. Não entendemos o poder que aqueles magos exerciam. Estive analisando os elementos que você me mostrou. Até mesmo tentar invocar uma coisa dessas criará calor intenso.”

Zedd parou e colocou o rosto bem perto de Thomas. Ele levantou suas sobrancelhas em uma surpresa simulada. “Verdade, Thomas? Você acha? Disparar um feitiço de luz que rasgará o tecido do mundo da vida pode causar uma instabilidade nos elementos do campo da teia?”

Thomas correu atrás dele quando Zedd saiu acelerado. “Zorander! Você não conseguirá controlar! Se você fosse capaz de invocar – e não estou dizendo que acredito que você consiga – você faria uma ruptura na Graça. A invocação usa calor. A ruptura o alimenta. Você não será capaz de controlar o efeito em cascata. Ninguém pode fazer tal coisa!”

“Eu posso,” o Primeiro Mago murmurou.

Thomas balançou os papéis furioso. “Zorander, sua arrogância será o fim de todos nós! Uma vez partido, o véu será destruído e

toda a vida será consumida. Eu exijo ver o livro no qual você encontrou esse feitiço. Eu exijo ver por mim mesmo. A coisa toda, não apenas partes dela!”

O Primeiro Mago fez uma pausa e levantou um dedo. “Thomas, se lhe fosse permitido ver o livro, então você seria o Primeiro Mago e teria acesso ao enclave particular do Primeiro Mago. Mas você não é, e não tem permissão.”

O rosto de Thomas brilhou vermelho sobre a sua barba branca. “Esse é um ato insensato de desespero!”

O Mago Zorander balançou o dedo. Os papéis voaram da mão do velho mago e rodopiaram em um redemoinho, ali pegando fogo, transformando-se em cinzas que foram sopradas para longe pelo vento.

“Às vezes, Thomas, tudo o que lhe resta é um ato de desespero. Eu sou o Primeiro Mago, e farei o que devo fazer. Esse é o fim dessa discussão. Não ouvirei mais nada.” Ele virou e agarrou a manga de um oficial. “Alerte os lanceiros. Reúna toda a cavalaria disponível. Nós cavalgaremos para Pendisan Reach imediatamente.”

O homem fez uma rápida saudação batendo no peito antes de partir. Outro oficial, mais velho e parecendo ser de um posto muito mais alto, limpou sua garganta.

“Mago Zorander, posso saber qual é o seu plano?”

“É Anargo,” disse o Primeiro Mago, “que é a mão direita de Panis Rahl, e juntamente com Rahl conjura a morte para nos perseguir. Colocando de modo simples, eu pretendo enviar a morte de volta para eles.”

“Levando os lanceiros para dentro de Pendisan Reach?”

“Sim. Anargo mantém posição em Coney Crossing. Nós enviamos o General Brainard seguindo para o norte na direção de Pendisan Reach, o General Sanderson pelo sul para se unir a ele, e Mardale atacando do sudoeste. Nós entraremos ali com os lanceiros e qualquer um dos que restarem deles que for capaz de juntar-se a nós.”

“Anargo não é tolo. Não sabemos quantos outros magos e dotados ele tem, mas sabemos do que eles são capazes. Eles nos sangraram repetidas vezes. Finalmente nós demos um golpe neles.”

O oficial escolheu suas palavras cuidadosamente. "Por que você acha que eles esperam? Por que eles simplesmente não correm de volta para D'Hara?"

Zedd repousou uma das mãos na parede rachada e contemplou o amanhecer, sobre a cidade abaixo.

"Anargo saboreia o jogo. Ele o executa com alto drama; ele quer que pensemos que eles estão feridos. Pendisan Reach é o único terreno em todas aquelas montanhas pelo qual um exército poderia atravessar com certa velocidade. Coney Crossing fornece um largo campo para batalha, mas não largo o bastante para nos permitir manobrar facilmente, ou flanqueá-los. Ele está tentando nos atrair para dentro."

O oficial não pareceu surpreso. "Mas por que?"

Zedd olhou para o oficial por cima do ombro. "Obviamente, ele acredita que nesse tipo de terreno ele pode nos derrotar. Eu acredito no contrário. Ele sabe que não podemos permitir que a ameaça permaneça ali, e ele conhece nossos planos. Ele pensa em me atrair para dentro, me matar, e acabar com o perigo que eu sozinho represento para eles."

"Então..." o oficial considerou em voz alta, "você está dizendo que para Anargo, isso vale o risco."

Zedd olhou mais uma vez para a cidade abaixo do Castelo do Mago. "Se Anargo estiver certo, ele poderia ganhar tudo em Coney Crossing. Quando tiver acabado comigo, ele irá liberar seus dotados, massacrar a grande maioria de todas as nossas forças em um só local, e então, virtualmente sem qualquer oposição, arrancar o coração de Midlands: Aydindril."

"Anargo planeja que antes que a neve caia, ele terá me matado, aniquilado nossas forças reunidas, terá as pessoas de Midlands acorrentadas, e poderá passar o chicote para Panis Rahl."

O oficial ficou olhando para ele, chocado. "E você planeja fazer o que Anargo está esperando e entrar lá para encarar ele?"

Zedd encolheu os ombros. "Que escolha eu tenho?"

"E você pelo menos sabe como Anargo planeja matá-lo, para que possamos tomar precauções? Tomar contramedidas?"

“Eu temo que não.” Irritado, ele balançou sua mão, pondo de lado a questão. Ele virou para Abby. “Os lanceiros possuem cavalos velozes. Nós cavalgaremos depressa. Estaremos em sua casa em breve – estaremos lá a tempo – e então trataremos de nossos negócios.”

Abby apenas balançou a cabeça. Ela não conseguiu colocar em palavras o alívio de seu pedido ter sido atendido, nem conseguiu expressar a vergonha que sentiu em ter sua prece respondida. Mas acima de tudo, não conseguiria dizer uma palavra do horror pelo que estava fazendo, pois ela sabia os planos dos D'Harans.

Enxames de moscas ao redor de pedaços secos de vísceras, tudo que havia restado dos caros porcos de Abby. Aparentemente, até mesmo o estoque para criação, que os pais de Abby tinham dado a ela como presente de casamento, havia sido arrasado e levado.

Os pais de Abby, também, tinham escolhido o marido de Abby. Abby nunca tinha visto ele antes: ele veio da cidade de Lynford de onde o pai e a mãe dela compraram os porcos. Abby estivera muito preocupada com a ansiedade sobre quem os pais dela escolheriam para seu marido. Ela esperava por um homem que fosse alegre – um homem que desse um sorriso nas dificuldades da vida.

Quando viu Philip pela primeira vez, pensou que ele deveria ser o homem mais sério do mundo. O rosto jovem dele parecia mostrar que ele nunca tinha sorrido alguma vez. Naquela primeira noite depois de conhecê-lo, ela chorou para dormir com os pensamentos de compartilhar sua vida com um homem tão sério. Ela pensou que a sua vida estava presa nos dentes afiados do amargo destino.

Abby acabou descobrindo que Philip era um homem trabalhador que olhava para a vida através de um largo sorriso. Naquele primeiro dia em que o tinha visto, ela só ficou sabendo muito mais tarde, ele estivera fazendo o seu rosto mais sério para que a sua nova família não pensasse que ele era uma pessoa preguiçosa, que não tinha valor para a filha deles. Em pouco tempo, Abby percebeu que Philip era um homem do qual ela poderia depender. Na época em que Jana havia nascido, ela começou a amar ele.

Agora Philip, e tantos outros, dependiam dela.

Abby esfregou as mãos depois de colocar os ossos de sua mãe para descansar mais uma vez. As cercas que Jana tinha observado Philip consertar tantas vezes, ela viu, estavam todas quebradas. Dando a volta ao redor da casa, ela notou que as portas do celeiro tinham sumido. Tudo que um animal ou um homem poderia comer havia desaparecido. Abby não conseguiu lembrar de algum dia já ter visto sua casa parecer tão deplorável.

Não importa, ela disse para si mesma. Não importa, se pelo menos Jana voltasse para ela. Cercas poderiam ser consertadas. Porcos poderiam ser substituídos, de algum modo, algum dia. Jana jamais poderia ser substituída.

“Abby,” Zedd perguntou enquanto olhava ao redor das ruínas da casa dela, “como é que você não foi levada, quando levaram seu marido, filha e todos os outros?”

Abby caminhou atravessando a porta quebrada, pensando que a casa dela jamais pareceu tão pequena. Antes que ela fosse para Aydindril, para o Castelo do Mago, sua casa tinha sido tão grande quanto qualquer coisa que ela pudesse imaginar. Aqui, Philip riu e encheu a sala simples com sua presença confortadora e sua conversa. Com carvão ele havia desenhado animais para Jana na lareira de pedra.

Abby apontou. “Debaixo daquela porta fica o porão. Era ali que eu estava quando ouvi as coisas sobre as quais eu falei.”

Zedd passou a ponta de sua bota pelo furo na madeira usado como apoio para os dedos para levantar a portinhola. “Eles estavam levando seu marido, e sua filha, e você ficou ali embaixo? Enquanto sua filha estava gritando por você, você não subiu correndo para ajudá-la?”

Abby fez um esforço para soltar a voz. “Eu sabia que se eu subisse, eles me pegariam também. Eu sabia que a única chance que a minha família tinha era se eu esperasse e então fosse buscar ajuda. Minha mãe sempre dizia que até mesmo uma feiticeira não era mais do que uma tola se agisse como uma. Ela sempre disse que antes de tudo eu deveria pensar nas coisas.”

“Sábio conselho.” Zedd baixou uma concha que havia sido entortada e furada. Ele repousou uma mão gentil no ombro dela. “Teria sido difícil deixar sua filha chorando por você, e fazer a coisa sábia.”

Abby só conseguiu soltar um sussurro. “Você fala a própria verdade dos espíritos.” Ela apontou pela janela na parede lateral. Por aquele caminho – através do Rio Coney – fica a cidade. Eles levaram Jana e Philip com eles quando seguiram para pegar todas as pessoas da cidade. Eles também tinham outros, que já tinham capturado. O exército montou acampamento nas colinas logo além.”

Zedd ficou parado na janela, observando as colinas distantes. “Logo, eu espero, essa guerra estará terminada. Queridos espíritos, permitam que ela termine.”

Lembrando do aviso da Madre Confessora para não repetir a história que ela contou, Abby nunca perguntou sobre a filha do mago ou sobre a esposa assassinada. Quando ela falou sobre o amor dela por Jana na rápida viagem deles de volta até Coney Crossing, deve ter partido o coração dele pensar em sua própria filha nas mãos brutais do inimigo, sabendo que ele a tinha deixado para evitar que muitos mais morressem.

Zedd abriu a porta do quarto. “E aqui atrás?” ele perguntou quando colocou a cabeça para dentro.

Abby retornou de seus pensamentos. “O quarto. Na parte de trás tem uma porta que leva de volta ao jardim e ao celeiro.”

Embora ele nunca tivesse mencionado a sua esposa morta ou filha desaparecida, o conhecimento de Abby sobre elas a consumia como um rio agitado na primavera consumia o gelo fazendo um buraco.

Zedd caminhou para fora do quarto enquanto Delora surgiu silenciosamente deslizando pela porta da frente. “Como Abigail disse, a cidade do outro lado do rio foi saqueada,” a feiticeira relatou. “Pelo que parece, todas as pessoas foram levadas.”

Zedd puxou seu cabelo ondulado para trás. “O quão próximo fica o rio?”

Abby fez um gesto apontando para a janela. A noite estava caindo. “Logo ali. Uma caminhada de cinco minutos.”

No vale, em seu caminho para se juntar ao Kern, o Rio Coney ficava mais lento e mais largo, sendo que ele tornava-se raso o bastante para atravessar facilmente. Não havia ponte; a estrada simplesmente conduzia até a margem do rio e continuava de novo do outro lado. Embora o rio estivesse quase a um quarto de milha pela maior parte do vale, ele não tinha em lugar algum profundidade maior do que o nível do joelho. Apenas com o derreter da primavera ele ficava ocasionalmente traiçoeiro para se atravessar. A cidade de Coney Crossing ficava a duas milhas além, subindo as colinas, a salvo das enchentes de primavera, assim como a colina onde ficava a fazenda onde Abby morava.

Zedd pegou Delora pelo cotovelo. "Cavalgue de volta e diga a todos para montar acampamento. Se alguma coisa der errada... bem, se alguma coisa der errada, então eles devem atacar. A legião de Anargo deve ser detida, mesmo se tiverem que entrar em D'Hara atrás deles."

Delora não pareceu ficar contente. "Antes de partirmos, a Madre Confessora me fez prometer que eu me certificaria de que você não fosse deixado sozinho. Ela me falou para providenciar que dotados estivessem sempre perto caso você precisasse deles."

Abby, também, tinha escutado a Madre Confessora dar as ordens. Lembrando-se do Castelo, quando eles cruzaram a ponte de pedra, Abby tinha visto a Madre Confessora lá em cima sobre uma alta plataforma, observando eles partirem. A Madre Confessora tinha ajudado quando Abby teve medo que tudo estivesse perdido. Ela ficou imaginando o que aconteceria com a mulher.

Então lembrou que não precisava imaginar. Ela sabia.

O mago ignorou o que a feiticeira havia dito. "Logo que eu ajudar Abby, mandarei ela de volta também. Não quero ninguém por perto quando eu liberar o feitiço."

Delora agarrou o colarinho dele e o puxou para perto. Parecia que ela estava prestes a dar uma calorosa repreensão. Ao invés disso ela o envolveu em um forte abraço.

"Por favor, Zedd," ela sussurrou, "não nos deixe sem você como Primeiro Mago."

Zedd alisou o cabelo negro dela. “E abandonar vocês todos para Thomas?” Ele sorriu. “Nunca.”

A poeira do cavalo de Delora se afastava dentro da escuridão que se aproximava enquanto Zedd e Abby desciam a ladeira na direção do rio. Abby o conduziu pelo caminho através de grama alta e arbustos, explicando que o caminho lhes ofereceria melhor esconderijo do que a estrada. Abby estava agradecida que ele não discutiu sobre a estrada.

Os olhos dela dardejavam das profundas sombras de um lado para as sombras do outro lado enquanto eles avançavam com esforço dentro dos arbustos. O pulso dela disparou. Ela se encolhia sempre que um galho batia nos seus pés.

Aconteceu como ela temia que aconteceria, como sabia que aconteceria.

Uma figura enfiada em uma longa capa com capuz disparou saindo do nada, jogando Abby para o lado. Ela viu o brilho de uma lâmina quando Zedd lançou o atacante dentro dos arbustos. Ele se agachou, colocando uma das mãos no ombro de Abby enquanto ela estava ofegante deitada na grama.

“Fique abaixada,” ele sussurrou depressa.

Luz surgiu em seus dedos. Ele estava conjurando magia. Aquilo era o que eles queriam que ele fizesse.

Lágrimas rolaram, queimando seus olhos. Ela agarrou a manga dele. “Zedd, não use magia.” Ela mal podia falar por causa da dor que apertava seu peito. “Não...”

A figura correu novamente da escuridão dos arbustos. Zedd levantou uma das mãos.

A noite se iluminou com um brilho de luz quente que atingiu a figura encapuzada.

Ao invés do atacante ser derrubado, foi Zedd quem deu um grito e caiu no chão. Seja lá o que fosse, aquilo que ele tinha pensado em fazer com o atacante, isso tinha voltado contra ele, e ele estava nas garras da mais terrível angústia, impedindo-o de levantar, ou falar. Era por isso que eles queriam que ele conjurasse a magia: para que pudessem capturá-lo.

A figura parada acima do mago olhou fixamente para Abby. "Sua parte aqui está terminada. Vá."

Abby correu dentro da grama. A mulher puxou o capuz para trás, e tirou sua capa. Na quase escuridão, Abby conseguiu ver a longa trança da mulher e a roupa de couro vermelho. Era uma das mulheres sobre as quais falaram para Abby, as mulheres acostumadas a capturar aqueles com magia: as Mord-Sith.

A Mord-Sith observou com satisfação enquanto o mago aos seus pés se contorcia em uma dor sufocante. "Bem, bem. Parece que o próprio Primeiro Mago acabou de cometer um erro muito grande."

Os cintos e correias do uniforme de couro dela rangeram quando ela se inclinou na direção dele, rindo da sua agonia. "Me deram a noite toda para fazer você se arrepender de ter levantado um dedo para resistir a nós. De manhã eu permitirei que observe enquanto nossas forças aniquilam seu povo. Mais tarde, vou levá-lo ao Lord Rahl em pessoa, o homem que ordenou a morte de sua esposa, assim você poderá implorar a ele para ordenar que eu o mate também." Ela chutou ele. "Assim você poderá implorar a Lorde Rahl por sua morte, enquanto observa sua filha morrer diante de seus olhos."

Zedd só conseguia gritar de horror e dor.

De quatro, Abby seguiu seu caminho de volta dentro da grama e arbustos. Ela esfregava os olhos, tentando enxergar. Estava apavorada em testemunhar o que estava sendo feito ao homem que tinha concordado em ajudá-la por nenhuma outra razão a não ser uma dívida com sua mãe. Em contraste, essas pessoas a tinham coagido a lhes prestar serviço mantendo como refém a vida de sua filha.

Enquanto ela se afastava Abby viu a faca que a Mord-Sith tinha largado quando Zedd a jogou dentro do mato. A faca foi um pretexto, usado para provocá-lo a agir; a magia era a verdadeira arma. A Mord-Sith tinha usado sua própria magia contra ele – usado ela para incapacitar e capturar ele, e agora usava para ferí-lo.

Esse era o preço exigido. Abby tinha obedecido. Não teve escolha. Mas que preço ela estava impondo sobre outros?

Como ela poderia salvar a vida de sua filha ao custo de tantas outras? Será que Jana cresceria para ser escrava de pessoas que fariam isso? Com uma mãe que permitiria isso? Jana cresceria para aprender a se curvar para Panis Rahl e os servos dele, para se submeter ao mal, ou pior, cresceria para tornar-se um agradável brinquedo para torturar, nunca provando a liberdade ou conhecendo o valor da honra.

Com uma terrível conclusão, tudo pareceu desmoronar na mente de Abby.

Ela agarrou a faca. Zedd estava gemendo de dor enquanto a Mord-Sith estava curvada, fazendo a ele alguma coisa terrível. Antes que ela tivesse tempo de mudar de idéia, Abby estava se movendo na direção da costa da mulher.

Abby tinha abatido animais. Ela disse a si mesma que isso não era diferente. Essas não eram pessoas, mas animais. Ela levantou a faca.

Uma mão cobriu sua boca. Outra agarrou seu pulso.

Abby grunhiu um lamento sob a mão, por ter falhado em impedir essa loucura quando teve a chance. Uma boca perto dela pediu que se acalmasse.

Lutando contra a figura de capa e capuz que a segurava, Abby virou sua cabeça o máximo que podia, e nos últimos raios da luz do dia viu olhos violeta. Por um momento ela não conseguiu entender; não conseguiu entender como a mulher poderia estar ali quando Abby tinha visto que ela ficara para trás. Mas realmente era ela.

Abby se acalmou. A Madre Confessora soltou sua mão, com um rápido sinal de mão, pediu que ela se afastasse. Abby não questionou; voltou para dentro dos arbustos rapidamente enquanto a Madre Confessora se moveu na direção da mulher vestida em couro vermelho. A Mord-Sith estava curvada, concentrada em sua medonha tarefa com o mago que gritava.

Ao longe, insetos chiavam e estalavam. Sapos soltavam insistentes coachados. Não muito distante o rio ecoava e borbulhava como sempre fez – um som familiar e confortador do lar.

E então subitamente surgiu uma violenta concussão no ar. Um trovão sem o som. Aquilo tirou o ar dos pulmões de Abby. O impacto

quase derrubou seus sentidos, fazendo cada junta no corpo dela arder com a dor.

Não houve brilho algum de luz – só aquele puro e uniforme solavanco no ar. O mundo pareceu parar em seu terrível esplendor.

A grama baixou como se um vento girasse em forma de anel em volta da Mord-Sith e da Madre Confessora. Os sentidos de Abby retornaram assim que a dor nas juntas dela agradecidamente desapareceu.

Abby nunca tinha visto isso ser feito, e nunca tinha esperado ver em toda a sua vida, mas ela sabia sem dúvida que acabara de testemunhar uma Confessora liberando seu poder. Pelo que a mãe de Abby havia dito, isso era a destruição tão completa da mente de uma pessoa que deixava apenas uma anestesiante devoção para com a Confessora. Ela só tinha que perguntar e eles confessariam qualquer verdade, não importa o crime que anteriormente eles tivessem tentado esconder ou negar.

“Minha Senhora,” a Mord-Sith resmungou em um patético lamento.

Abby, que primeiro tinha ficado assustada pelo choque do trovão sem o som do poder da Madre Confessora, e agora impressionada pela angústia desprezível da mulher encolhida no chão, sentiu uma mão agarrar o seu braço. Era o mago.

Com a costa da outra mão ele limpou sangue da boca. Ele se esforçou para recuperar o fôlego. “Deixe que ela cuida disso.”

“Zedd... eu... eu sinto muito, tentei dizer para não usar magia, mas não gritei alto o bastante para que você escutasse.”

Ele procurou sorrir através da óbvia dor. “Eu escutei.” “Mas então porque usou o seu dom?”

“Eu pensei que no final, você não seria o tipo de pessoa que faria uma coisa tão terrível, e que mostraria seu verdadeiro coração.” Ele afastou-a dos gritos. “Nós usamos você. Queríamos que eles pensassem que tinham obtido sucesso.”

“Você sabia o que eu iria fazer? Sabia que eu traria você até eles para que eles pudessem capturar você?”

“Eu tinha uma boa idéia. Desde o início pareceu haver mais em você do que apresentava. Você não é muito talentosa em ser uma

espiã ou uma traidora. Desde que chegamos aqui você esteve observando as sombras e pulando com o mero chiado de qualquer inseto.”

A Madre Confessora se aproximou depressa. “Zedd, você está bem?”

Ele colocou uma das mãos no ombro dela. “Ficarei bem.” Os olhos dele ainda guardavam o cintilar do horror. “Obrigado por não se atrasar. Por um momento, eu temi...”

“Eu sei.” A Madre Confessora ofereceu um rápido sorriso. “Vamos esperar que seu truque tenha valido a pena. Você tem até o amanhecer. Ela disse que eles esperam que ela o torture a noite toda antes de levá-lo até eles de manhã. Os batedores deles alertaram Anargo sobre a chegada de nossas tropas.”

Lá atrás nos arbustos a Mord-Sith estava gritando como se estivesse sendo esfolada viva. aconteceu.”

Calafrios percorreram os ombros de Abby. “Eles vão escutar e saberão o que “Mesmo se puderem ouvir a essa distância, eles pensarão que é Zedd, sendo torturado por ela.” A Madre Confessora pegou a faca da mão de Abby. “Estou feliz que você tenha recompensado minha fé e no final não se juntou a eles.”

Abby esfregou as palmas das mãos em sua saia, envergonhada por tudo que tinha feito, pelo que ela havia intencionado fazer. Ela estava começando a tremer. “Você vai matar ela?”

A Madre Confessora, apesar de parecer extremamente cansada depois de ter tocado a Mord-Sith, ainda tinha uma determinação de ferro em seus olhos. “Uma Mord-Sith é diferente de qualquer outra pessoa. Ela não se recupera do toque de uma Confessora. Ela iria sofrer em profunda agonia até morrer, um pouco antes do amanhecer.” Ela olhou na direção dos gritos. “Ela nos disse o que precisávamos saber, e Zedd deve ter o seu poder de volta. É a coisa mais piedosa a fazer.”

“Isso também ganha tempo para que eu faça o que devo fazer.” Os dedos de Zedd viraram o rosto de Abby na direção dele, para longe dos berros. “E tempo para pegar Jana de volta. Você terá até o amanhecer.”

“Eu terei até o amanhecer? O que você quer dizer?” “Eu explicarei. Mas temos que nos apressar se você quiser tempo o bastante. Agora, tire as suas roupas.”

Abby estava ficando sem tempo.

Ela se moveu através do acampamento D'Haran, mantendo-se rígida e altiva, tentando não parecer nervosa, mesmo que estivesse sentindo-se assim. Durante a noite toda ela estivera fazendo como o mago havia instruído: agindo com arrogância. Para qualquer pessoa que a notava, ela direcionava desdém. Para qualquer um que olhasse para o lado dela, pensando em falar com ela, ela rosnavava.

Não que muitos, entretanto, ousassem chamar a atenção do que parecia ser uma Mord-Sith vestida de couro vermelho. Zedd também havia dito a ela, para manter a arma da Mord-Sith em seu punho. Parecia não ser nada mais do que um pequeno cilindro de couro. Como funcionava, Abby não fazia idéia – o mago apenas havia dito que envolvia magia, e que ela não seria capaz de invocá-la em seu auxílio – mas realmente causava um efeito naqueles que viam aquilo na mão dela: fazia eles desaparecerem na escuridão, para longe da luz das fogueiras do acampamento, para longe de Abby. Pelo menos, aqueles que estivessem acordados.

Embora a maioria das pessoas no acampamento estivesse dormindo, não havia falta de guardas alertas. Zedd tinha cortado a longa trança da Mord-Sith que o atacou, e colado no cabelo de Abby. No escuro, a diferença de cor não ficava óbvia. Quando os guardas olhavam para Abby eles viam uma Mord-Sith, e rapidamente viravam sua atenção para outro lugar qualquer.

Pela apreensão no rosto das pessoas quando eles a viam chegando, Abby sabia que devia parecer apavorante. Eles não sabiam o quanto o coração dela estava batendo apressado. Ela estava agradecida pelo manto da noite pois assim os D'Harans não conseguiam ver seus joelhos tremendo. Ela viu apenas duas Mord-Sith de verdade, ambas dormindo, e ficou bem longe delas, como Zedd tinha lhe avisado. Verdadeiras Mord-Sith não eram enganadas tão facilmente.

Zedd deu a ela até o amanhecer. O tempo estava se esgotando. Ele havia dito que se não voltasse em tempo, ela

morreria.

Abby estava feliz em conhecer o terreno, ou teria se perdido entre a confusão de tendas, fogueiras, carroças, cavalos, e mulas. Por toda parte arpões e lanças estavam amontoadas em círculos com suas pontas encostadas. Homens - fazedores de flechas, ferreiros e artesões de todos os tipos – trabalhavam através da noite.

O ar estava espesso com a fumaça e ecoava com o som de metal sendo moldado e afiado e madeira sendo trabalhada para tudo desde arcos até carroças. Abby não sabia como as pessoas conseguiam dormir com o barulho, mas eles dormiam.

Em breve o imenso acampamento despertaria para um novo dia – um dia de batalha, um dia em que soldados trabalhariam fazendo o que faziam melhor. Eles estavam tirando uma boa noite de sono para que estivessem descansados para matar o exército de Midlands. Pelo que ela tinha escutado, soldados D'Haran eram muito bons no seu trabalho.

Abby havia procurado sem descanso, mas não tinha sido capaz de encontrar o pai dela, seu marido, ou sua filha. Ela não tinha intenção alguma de desistir. Estava conformada com o conhecimento de que se não os encontrasse, morreria com eles.

Ela encontrou cativos amarrados juntos e presos em árvores, ou no chão, para impedir que eles corressem. Muitos mais estavam acorrentados. Alguns ela reconheceu, mas muitos outros não. A maioria era mantida em grupos e sob guarda.

Abby nunca tinha visto um guarda adormecido em seu posto. Quando eles olhavam na direção dela, ela agia como se estivesse procurando por alguém, e como se ela não fosse facilitar para eles quando os encontrasse. Zedd havia dito que a segurança dela, e a segurança da sua família, dependiam dela fazer a sua parte no jogo de modo convincente. Abby pensou naquelas pessoas machucando sua filha, e não foi difícil agir como se estivesse furiosa.

Mas o tempo dela estava acabando. Não conseguia encontrá-los, e sabia que Zedd não esperaria. Coisas demais estavam em jogo; agora ela entendia isso. Ela estava começando a gostar que o mago e a Madre Confessora estivessem tentando parar uma guerra;

que eles fossem pessoas determinadas na terrível tarefa de medir as vidas de uns poucos contra as vidas de muitos.

Abby levantou a lona de outra tenda, e viu soldados dormindo. Ela se agachou e olhou para os rostos dos prisioneiros amarrados em carroças. Eles olharam de volta com expressões vazias. Ela se inclinou para olhar nos rostos de crianças apertadas em pesadelos. Ela não conseguia encontrar Jana. O enorme acampamento estendia-se pelo campo montanhoso; havia milhares de lugares em que ela poderia estar.

Enquanto marchava por uma linha curva de tendas, ela coçou o pulso. Somente quando foi mais adiante percebeu que era o bracelete aquecendo que fazia o pulso dela coçar. Ele mandava o aviso cada vez mais forte enquanto ela prosseguia, mas então o calor começou a desaparecer. Sua sobancelha tremeu. Por curiosidade, ela se virou e voltou pelo caminho que tinha vindo.

Quando um caminho entre tendas fazia uma curva, o bracelete dela formigou com o calor novamente. Abby parou por um momento, observando dentro da escuridão. O céu estava começando a ganhar cor com a luz. Ela tomou o caminho entre as tendas, seguindo até que o bracelete esfriou, e então voltou até o lugar em que ele esquentasse novamente e tomou uma nova direção na qual ele esquentou mais ainda.

A mãe de Abby deu a ela o bracelete, dizendo para usar sempre, e que algum dia ele seria de valor. Abby imaginou se de algum modo o bracelete tinha magia que ajudaria a encontrar a filha dela. Com o amanhecer se aproximando, essa parecia a única chance que lhe restava. Ela seguiu em frente apressada, dobrando onde o calor do bracelete indicava.

O bracelete a levou até uma área onde soldados roncavam. Não havia prisioneiros à vista. Guardas patrulhavam os homens em colchões e cobertores. Havia uma tenda montada entre os grandes homens – para um oficial, ela deduziu.

Não sabendo mais o que fazer, Abby andou entre os homens adormecidos. Perto da tenda, o bracelete enviou o calor formigante subindo pelo braço dela.

Abby viu que sentinelas estavam ao redor da pequena tenda como moscas em volta de carne. Os lados de lona brilhavam suavemente, provavelmente por causa de uma vela lá dentro. Mais ao lado, ela notou uma forma adormecida diferente dos homens. Quando chegou mais perto, viu que era uma mulher: Mariska.

A velha respirava soltando um leve assobio enquanto dormia. Abby ficou paralisada.

Guardas olharam para ela.

Precisando fazer alguma coisa antes que eles fizessem qualquer pergunta, Abby olhou para eles com raiva e marchou na direção da tenda. Ela tentou não fazer qualquer barulho; os guardas pensavam que ela era uma Mord-Sith, mas Mariska não seria enganada por muito tempo. Um olhar de Abby fez com que os guardas virassem os olhos para o acampamento escuro.

Seu coração estava batendo rápido quase fora de controle, Abby segurou a ponta da tenda. Ela sabia que Jana estaria lá dentro. Ela disse a si mesma que não deveria gritar quando avistasse a sua filha. Ela lembrou a si mesma que deveria colocar uma das mãos sobre a boca de Jana antes que ela pudesse gritar de alegria, para que não fossem pegas antes que tivessem uma chance de escapar.

O bracelete estava tão quente que parecia como se ele fosse queimar sua pele. Abby mergulhou dentro da tenda baixa.

Uma garotinha trêmula enfiada em uma capa de lã esfarrapada estava sentada sobre cobertores no chão. Ela observou com grandes olhos que piscaram com o terror do que poderia vir a seguir. Abby sentiu uma punhalada de angústia. Não era Jana.

Elas olharam uma para a outra, essa garotinha e Abby. O rosto da criança estava claramente iluminado pela vela colocada ao lado, como também deveria estar o de Abby. Naqueles grandes olhos cinzentos que pareciam ter contemplado terrores inimagináveis, a garotinha parecia ter tomado uma decisão.

Seu braços se esticaram em uma súplica.

Instintivamente, Abby ficou de joelhos e segurou a garotinha, abraçando seu pequeno corpo trêmulo. Os braços finos da garota saíram da capa esfarrapada e deslizaram em volta do pescoço de Abby, segurando com força.

“Me ajuda? Por favor?” a criança choramingou no ouvido de Abby.

Antes que a tivesse carregado tinha visto o rosto dela na luz da vela. Não havia dúvida alguma na mente de Abby. Era a filha de Zedd.

“Eu vim ajudar você,” Abby a confortou. “Zedd me enviou.” A criança gemeu com esperança.

Abby segurou a garota com os braços esticados. “Vou te levar para seu pai, mas não pode deixar aquelas pessoas saberem que estou resgatando você. Consegue me acompanhar? Consegue fingir que é minha prisioneira, para que eu possa te levar embora?”

Sem lágrimas, a garota balançou a cabeça. Ela possuía o mesmo cabelo ondulado de Zedd, e os mesmos olhos, embora eles fossem de um cinza impressionante, não castanhos.

“Bom,” Abby sussurrou, segurando uma bochecha fria, quase perdida naqueles olhos cinzentos. Então confie em mim e eu levarei você embora.”

“Eu confio em você,” surgiu uma voz fraca.

Abby pegou uma corda que estava jogada ali perto e enrolou em volta do pescoço da garota. “Vou tentar não te machucar, mas tenho que fazer eles pensarem que você é minha prisioneira.”

A garota lançou um olhar preocupado para a corda, como se ela conhecesse a corda muito bem, e então assentiu que iria cooperar.

Logo que estava fora da tenda, Abby ficou de pé, e com a corda puxou a criança atrás dela. Os guardas olharam na direção dela. Abby ficou nervosa.

Um deles olhou com raiva enquanto se aproximava. “O que está acontecendo?”

Abby parou repentinamente e levantou o cilindro de couro vermelho, apontando-o para o nariz do guarda. “Ela foi chamada. E quem é você para questionar? Saia do meu caminho ou terei você estripado e limpo para meu café da manhã!”

O homem ficou pálido e rapidamente deu um passo para o lado. Antes que ele tivesse tempo de reconsiderar, Abby seguiu

adiante, a garota a reboque na ponta da corda, arrastando os calcanhares dela, fazendo parecer de verdade.

Ninguém as seguiu. Abby queria correr, ma não podia. Ela queria carregar a garota, mas não podia. Tinha que parecer que uma Mord-Sith estava levando a prisioneira.

Ao invés de tomar a menor rota de volta até Zedd, Abby preferiu seguir as colinas subindo o rio até um lugar onde as árvores ofereciam esconderijo quase na beira da água. Zedd disse a ela onde atravessar, e avisou para não voltar por um caminho diferente; ele tinha colocado armadilhas com magia para evitar que os D'Harans atacassem descendo das colinas para impedir seja lá o que for que ele iria fazer.

Mais perto do rio ela viu, seguindo por um caminho descendo a corrente, um punhado de névoa pairando perto do chão. Zedd tinha avisado enfaticamente para não chegar perto de qualquer névoa. Ela suspeitou que aquilo era uma nuvem de algum tipo de veneno que ele havia conjurado.

O som da água disse a ela que estava perto do rio. O céu rosado fornecia luz suficiente para finalmente enxergar ele quando ela chegasse na margem das árvores. Ainda que conseguisse ver o massivo acampamento nas colinas ao longe atrás dela, não viu ninguém seguindo.

Abby tirou a corda do pescoço da criança. A garota observou-a com aqueles grandes olhos redondos. Abby a carregou e abraçou com força. "Aguente firme, e fique quieta." Segurando a cabeça da criança encostada no ombro, Abby correu para o rio.

Havia luz, mas não era do amanhecer. Elas tinham cruzado a água fria e chegado ao outro lado quando ela notou isso. Mesmo enquanto corria pela margem do rio, antes que pudesse ver a fonte da luz, Abby sabia que a magia que estava sendo invocada ali era diferente de qualquer magia que ela já tinha visto. Um som, baixo e suave, estalou subindo o rio na direção dela. Um cheiro, como se o próprio ar estivesse sendo queimado, pairou na margem do rio.

A garotinha se agarrou em Abby, lágrimas descendo pelo rosto, com medo de falar – com medo, pareceu, de ter esperança que finalmente tivesse sido resgatada, como se fazer uma pergunta

pudesse de alguma forma fazer tudo isso desaparecer como um sonho ao acordar. Abby sentiu lágrimas descendo pelo seu próprio rosto.

Quando fez uma curva no rio, ela avistou o mago. Ele estava parado no centro do rio, em cima de uma pedra que Abby nunca tinha visto. A pedra era apenas grande o bastante para ficar acima da superfície da água algumas polegadas, fazendo quase parecer que o mago estava em pé sobre a água.

Diante dele, enquanto ele estava voltado na direção da distante D' Hara, formas, escuras e ondulantes, flutuavam no ar. Elas giravam ao redor, como se falassem com ele, conversando, advertindo, seduzindo ele com braços flutuantes e dedos esticados que tremulavam como fumaça.

Uma luz agitada girava ao redor do mago. Cores escuras e maravilhosas cintilavam perto dele, saltando junto com as formas sombrias ondulando através do ar. Aquilo era ao mesmo tempo a coisa mais encantadora e mais assustadora que Abby já tinha visto. Nenhuma magia que a sua mãe tivesse conjurado jamais pareceu... consciente.

Mas a coisa mais assustadora mesmo era o que pairava no ar em frente ao mago. Parecia ser uma esfera derretida, tão quente que emitia brilho de seu interior, sua superfície tinha um crepitar de fluidos. Um braço de água do rio magicamente subiu ao céu como uma fonte, e derramou-se sobre a massa prateada giratória.

A água chiou e evaporou quando atingiu a esfera, deixando para trás nuvens brancas de vapor para serem sopradas pelo vento suave do amanhecer. A forma derretida escureceu com o toque da cascata de água sobre ela, e mesmo assim o intenso calor interior derreteu a superfície opaca novamente tão rapidamente quanto a água esfriava, fazendo a coisa toda borbulhar e ferver no meio do ar, uma pulsante ameaça sinistra.

Apavorada, Abby deixou a criança escorregar até o chão. Os pequenos braços da garota se esticaram. "Papai."

Ele estava longe demais para ouvir, mas ele ouviu.

Zedd virou, de repente maior do que a vida no meio da magia que Abby podia ver mas não começar a compreender, e ainda assim

ao mesmo tempo pequeno com a fragilidade da necessidade humana. Lágrimas encheram seus olhos quando ele viu sua filha parada ao lado de Abby. Esse homem que parecia estar consultando os espíritos estava com a aparência de alguém que estava vendo pela primeira vez um verdadeiro fantasma.

Zedd saltou da pedra e correu pela água. Quando ele chegou até ela e a tomou na segurança de seus braços, ela finalmente começou a chorar com o terror contido sendo liberado.

“Calma, calma, querida,” Zedd a confortou. “Papai está aqui agora.”

“Oh, Papai,” ela chorou no pescoço dele, “eles machucaram a Mamãe. Eles eram maus. Eles a machucaram tanto...”

Ele a balançou com ternura. “Eu sei, querida. Eu sei.”

Pela primeira vez, Abby viu a feiticeira e a Madre Confessora paradas ao lado, observando. Elas também derramaram lágrimas com o que estavam vendo. Embora Abby estivesse contente pelo mago e sua filha, a visão apenas intensificou a dor em seu peito pelo que tinha perdido. Ela estava sufocada pelas lágrimas.

“Calma, calma, querida,” Zedd estava falando suavemente. “Agora está segura. Papai não vai deixar nada acontecer com você. Agora está segura.”

Zedd virou para Abby. No momento em que ele tinha sorriso mostrando seu agradecimento, a criança estava dormindo.

“Um pequeno feitiço,” ele explicou quando as sobrelhas de Abby se curvaram de surpresa. “Ela precisa descansar, eu preciso acabar o que estou fazendo.”

Ele colocou sua filha nos braços de Abby. “Abby, você a levaria até a sua casa onde ela pode dormir até que eu termine aqui? Por favor, coloque-a na cama e cubra ela para mantê-la aquecida. Ela vai dormir por enquanto.”

Pensando na sua própria filha nas mãos dos brutos do outro lado do rio, Abby só conseguiu balançar a cabeça antes de começar a tarefa. Ela estava feliz por Zedd, e até mesmo sentia orgulho por ter resgatado a garotinha dele, mas enquanto corria para a casa dela, estava quase morrendo de tristeza por ter falhado em recuperar sua própria família.

Abby colocou o peso morto da criança que dormia na cama dela. Fechou a cortina sobre a pequena janela no quarto e, incapaz de resistir, alisou o cabelo sedoso e deu um beijo na testa lisa antes de deixar a criança para o seu abençoado descanso.

Com a criança finalmente segura e dormindo, Abby correu de volta descendo a colina até o rio. Ela pensou em pedir a Zedd para lhe dar só mais um tempinho para que ela pudesse voltar para procurar pela sua própria filha. O medo por Jana fazia o coração dela bater loucamente. Ele tinha uma dívida com ela, e ainda não tinha pago.

Apertando as mãos, Abby parou ofegante na margem do rio. Ela observou o mago em cima da sua pedra no rio, luz e sombra girando ao redor dele. Ela esteve perto de magia tempo o bastante para ter o bom senso de sentir medo em aproximar-se dele. Ela podia ouvir suas palavras cantadas; ainda que elas fossem palavras que nunca tivesse ouvido, ela reconheceu a cadência característica de palavras pronunciando um feitiço, palavras reunindo forças assustadoras.

No chão ao lado dela estava a estranha Graça que tinha visto ele desenhar antes, aquela que abria uma brecha entre os mundos da vida e da morte. A Graça estava desenhada com uma cintilante areia branca pura que ficava em forte destaque contra a lama escura. Abby tremeu só de olhar para aquilo, muito menos queria contemplar seu significado. Ao redor da Graça, cuidadosamente desenhadas com a mesma areia branca cintilante, estavam formas geométricas de invocações mágicas.

Abby abaixou os punhos, estava quase para chamar o mago, quando Delora se aproximou. Abby se encolheu de surpresa.

“Agora não, Abigail,” a feiticeira murmurou. “Não o perturbe no meio dessa parte.”

Relutante, Abby atendeu as palavras da feiticeira. A Madre Confessora também estava lá. Abby mordeu o lábio inferior enquanto observava o mago jogar seus braços para cima. Centelhas de luz colorida enrolaram-se por bastões de sombras rodopiantes. “Mas eu preciso. Não consegui encontrar minha família. Ele tem que

ajudar. Tem que salvar eles. É uma dívida de ossos que deve ser satisfeita.”

As outras duas mulheres trocaram um olhar. “Abby,” a Madre Confessora disse, “ele deu a você uma chance, lhe deu tempo. Ele tentou. Ele fez o melhor que podia, mas agora ele tem que pensar em todos os outros.”

A Madre Confessora pegou a mão de Abby, e a feiticeira colocou um braço ao redor dos ombros de Abby enquanto ela ficou chorando na margem do rio. Não deveria acabar desse jeito, não depois de tudo pelo que ela havia passado, não depois de tudo que tinha feito. O desespero a esmagava.

O mago, com os braços erguidos, gritou chamando mais luz, mais sombras, mais magia. O rio agitou-se em volta dele. A coisa sibilante no ar cresceu enquanto descia lentamente se aproximando da água. Colunas de luz dispararam do quente e rodopiante florescer do poder.

O sol estava se erguendo sobre as colinas por trás dos D'Harans. Essa parte do rio não era tão larga quanto as outras, e Abby conseguiu ver atividade nas árvores além. Homens se moviam, mas a névoa pairando na margem distante fazia com que tivessem cautela, mantinha-os entre as árvores.

Também do outro lado do rio, na beira das colinas cobertas de árvores, outro mago tinha aparecido para conjurar magia. Ele também estava sobre uma pedra enquanto seus braços lançavam luz cintilante no ar. Abby pensou que o forte sol da manhã conseguiria superar o brilho conjurado, mas não conseguiu.

Abby não podia mais suportar. “Zedd!” ela gritou para o rio. “Zedd! Por favor, você prometeu! Encontrei a sua filha! E quanto a minha? Por favor não faça isso até que ela esteja segura!”

Zedd virou e olhou para ela como que de uma grande distância, como que de outro mundo. Braços de formas escuras o acariciavam. Dedos de fumaça escura deslizavam pelo seu queixo, pedindo que voltasse sua atenção para eles, mas ao invés disso ele olhou para Abby.

“Sinto muito.” Apesar da distância, Abby conseguiu ouvir claramente as palavras sussurradas dele. “Eu dei a você tempo para

tentar encontrá-los. Não posso mais esperar, ou incontáveis outras mães vão chorar pelas crianças delas – mães que ainda vivem, e mães no mundo dos espíritos.”

Abby gritou em um lamento angustiado quando ele virou retornando ao seu encantamento. As duas mulheres tentaram confortá-la, mas Abby não poderia ser confortada em sua tristeza.

Trovões rugiram pelas colinas. Um forte barulho do feitiço ao redor de Zedd ergueu-se ecoando subindo e descendo o vale. Colunas de luz intensa dispararam para cima. Era uma visão desorientadora, luz brilhando no meio da luz do sol.

Do outro lado do rio, a força que combatia a magia de Zedd pareceu saltar adiante. Braços de luz contorciam-se como fumaça, descendo para enroscar-se com a luz girando ao redor de Zedd. Repentinamente a névoa na margem do rio se espalhou.

Em resposta, Zedd esticou os braços bem abertos. A cintilante e estremeceadora fornalha de luz derretida trovejou. A água sobre ela rugiu enquanto fervia e evaporava. O ar chiou como que em protesto.

Por trás do mago do outro lado do rio, os soldados D'Haran estavam saindo das árvores, levando seus prisioneiros na frente deles. Pessoas gritavam de terror. Se encolhiam diante da magia do mago, apenas para serem empurradas adiante pelas lanças e espadas em suas costas.

Abby viu muitos que recusaram a se mover caírem perante as lâminas. Com os gritos mortais, os outros moviam-se adiante apressados, como ovelhas na frente de lobos.

Se aquela coisa que Zedd estava fazendo falhasse, então o exército de Midlands entraria correndo nesse vale para confrontar o inimigo. Os prisioneiros seriam pegos no meio.

Uma figura abriu caminho pela margem oposta, arrastando atrás uma criança. A carne de Abby ficou gélida com um suor frio de repente. Era Mariska. Abby lançou um rápido olhar por cima do ombro. Isso era impossível. Ela olhou pelo rio.

“Nãooo!” Zedd gritou.

Era a garotinha de Zedd que Mariska segurava pelo cabelo.

De algum modo, Mariska tinha seguido e encontrado a criança dormindo na casa de Abby. Sem ninguém ali para tomar conta dela enquanto dormia, Mariska tinha pego a criança de volta.

Mariska segurou a criança na frente dela, para que Zedd visse. “Pare e renda-se, Zorander, ou ela morre!”

Abby se afastou dos braços que a seguravam e correu para dentro da água. Lutou para correr contra a corrente, para alcançar o mago. A meio caminho dali, ele virou para olhar dentro dos olhos dela.

Abby congelou. “Sinto muito.” A sua própria voz pareceu a ela um apelo pouco antes da morte. “Pensei que ela estava segura.”

Zedd balançou a cabeça em aceitação. Estava fora de suas mãos. Ele virou novamente para o inimigo. Seus braços levantaram para os lados. Seus dedos se esticaram, como se estivesse dando um comando para que tudo parasse – tanto a magia quanto os homens.

“Liberte os prisioneiros!” Zedd gritou através da água para o mago inimigo. “Liberte-os, Anargo, e darei a vocês todos suas vidas!”

A risada de Anargo ecoou sobre a água. “Renda-se,” Mariska sibilou, “ou ela morre.”

A velha puxou a faca que mantinha no cinto em volta da cintura. Ela apertou a lâmina na garganta da criança. A garota estava gritando de horror, seus braços esticados para o pai, seus pequenos dedos em forma de garra no ar.

Abby se esforçou adiante dentro da água. Ela gritou, implorando a Mariska para soltar a filha de Zedd. A mulher não prestou mais atenção em Abby do que prestava em Zedd.

“Última chance!” Mariska gritou.

“Você ouviu ela,” Anargo rugiu através da água. “Renda-se agora ou ela morrerá.” “Você sabe que não posso me colocar acima do meu povo!” Zedd gritou de volta.

“Isso é entre nós, Anargo! Liberte todos eles!”

A risada de Anargo ecoou subindo e descendo o rio. “Você é um tolo, Zorander!”

Teve sua chance!” A expressão dele mudou para raiva. “Mate-a!” ele gritou para Mariska.

Com os punhos em seus lados, Zedd gritou. O som pareceu rasgar a manhã com sua fúria.

Mariska ergueu pelo cabelo a criança que gritava. Abby engasgou sem acreditar quando a mulher cortou a garganta da garotinha. A criança tremeu. Sangue esguichou pelos dedos retorcidos de Mariska enquanto ela moveu a lâmina para frente e para trás cruelmente. Ela deu um forte puxão final com a faca. O corpo flácido ensopado de sangue caiu. Abby sentiu o vômito subindo no fundo da garganta. A terra escura da margem do rio ficou manchada de vermelho.

Mariska segurou a cabeça bem alto com um urro de vitória. Tiras de carne com sangue pendiam debaixo dela. A boca estava frouxa em um grito silencioso - Abby lançou os braços ao redor das pernas de Zedd. “Queridos espíritos, eu sinto muito! Oh, Zedd, me perdoe!” Ela choramingou de angústia, incapaz de recompor os sentidos por testemunhar uma visão tão medonha.

“E agora, criança,” Zedd perguntou com uma voz rouca logo acima, “o que você gostaria que eu fizesse? Gostaria que eu deixasse eles vencerem, para salvar sua filha do que eles fizeram com a minha? Diga-me, criança, o que eu deveria fazer?”

Abby não poderia implorar pela vida da sua família ao custo de permitir que tais pessoas ficassem livres pela terra. O seu coração machucado não permitiria isso. Como ela poderia sacrificar as vidas e a paz de todos os outros só para que as pessoas que ela amava vivessem?

Ela não seria melhor do que Mariska, matando crianças inocentes.

“Mate todos eles!” Abby gritou para o mago. Ela esticou o braço, apontando para Mariska e o mago detestável Anargo. “Mate os bastardos! Mate todos eles!”

Os braços de Zedd levantaram. A manhã estalou com um som de trovão. Como se ele a tivesse largado, a massa derretida diante dele mergulhou dentro da água. O chão tremeu com um balançar.

Um enorme gêiser de água explodiu. O próprio ar estremeceu. Ao redor, o barulho mais assustador fez com que a água espumasse.

Abby agachou-se ficando com água até a cintura, sentiu-se dormente não apenas por causa do frio, mas também porque sabia que tinha sido abandonada pelos bons espíritos que sempre imaginou que estavam tomando conta dela. Zedd virou e segurou o braço dela, arrastando-a para cima da pedra junto com ele.

Era um outro mundo.

As formas ao redor deles chamavam por ela também. Elas se esticavam, cruzando a distância entre a vida e a morte. Dor alucinante, assustadora alegria, profunda paz, espalhavam-se através dela com o toque. Luz se movia subindo pelo corpo dela, enchendo-a como ar enchia os pulmões, e explodia em jatos de centelhas em sua mente. O forte rugido da magia era ensurdecedor.

Luz verde rasgava através da água. Do outro lado do rio, Anargo tinha sido jogado ao chão. A pedra sobre a qual ele estivera havia se despedaçado em fragmentos parecidos com agulhas. Os soldados gritavam de medo enquanto o ar por toda parte dançava com fumaça rodopiante e centelhas de luz.

“Corram!” Mariska gritou. “Enquanto têm chance! Corram por suas vidas!” Ela já estava correndo na direção das colinas. “Deixem os prisioneiros para morrer! Salvem-se! Corram!”

O humor do outro lado do rio repentinamente se agitou com apenas uma determinação. Os D'Harans largaram suas armas. Jogaram para o lado as cordas e correntes que prendiam os prisioneiros. Eles levantaram poeira quando viraram e correram. Em um simples instante, um exército que um momento antes estivera parado de forma ameaçadora encarando eles, estava todo, como que por simples medo, correndo por sua vida.

Com o canto de um olho, Abby viu a Madre Confessora e a feiticeira lutando para correr dentro da água. Embora a água malmente estivesse acima dos joelhos delas, ela atrapalhava a corrida quase tanto quanto a lama faria.

Abby observou tudo isso como se estivesse em um sonho. Ela flutuou na luz que a cercava. Dor e êxtase eram um só em conjunto

com ela. Luz e escuro, som e silêncio, alegria e tristeza, todos eram um só, tudo e nada juntos em um enorme caldeirão de magia.

Do outro lado do rio, o exército D'Haran havia desaparecido dentro da floresta. Poeira erguia-se acima das árvores, mostrando que seus cavalos, carroças e pés corriam para longe, enquanto na margem do rio, a Madre Confessora e a feiticeira estavam empurrando as pessoas para dentro da água, gritando com elas, embora Abby não escutasse as palavras, tão absorvida ela estava pelos estranhos sons harmoniosos transformando seus pensamentos em visões de cores dançantes, encobrendo aquilo que seus olhos tentavam lhe dizer.

Por um momento ela pensou que certamente estava morrendo. Por um momento ela pensou que isso não tinha importância. E então sua mente estava nadando de novo na cor fria e na luz quente, a música da magia e dos mundos entrelaçando-se. O abraço do mago a fez sentir como se estivesse segura nos braços de sua mãe novamente. Talvez estivesse.

Abby estava consciente das pessoas que seguiam para o lado do rio em Midlands e corriam na frente da Madre Confessora e da feiticeira. Elas desapareceram dentro dos arbustos e então Abby as viu longe, além da grama alta, subindo a colina correndo, para longe da sublime feitiçaria que irrompia do rio.

O mundo trovejou ao redor dela. Uma pancada invisível causou forte dor bem fundo em seu peito. Um ruído, como o de aço sendo cortado, cruzou o ar da manhã. Tudo em volta da água dançou e tremeu.

Parecia que um vapor quente escaldaria as pernas de Abby. O ar ficou branco por causa dele. O barulho machucou tanto seus ouvidos que ela fechou os olhos com força. Ela via as mesmas coisas com os olhos fechados que via com eles abertos – formas sombrias rodopiando através do ar esverdeado. Tudo estava ficando louco em sua mente, não fazia sentido algum. A fúria verde rasgava seu corpo e sua alma.

Abby sentiu dor, como se algo dentro dela se rasgasse em pedaços. Ela arfou e abriu os olhos. Uma terrível parede de fogo verde estava se afastando deles, na direção do lado mais afastado

do rio. Fontes de água chicoteavam subindo, como uma tempestade ao contrário. Relâmpagos corriam acima da superfície da água.

Quando a conflagração alcançou a margem mais afastada, o chão sob ela rasgou-se. Colunas de luz violeta emergiram das feridas abertas na terra, como o sangue de um outro reino.

Pior, entretanto, do que tudo isso, foram os urros. Urros dos mortos, Abby tinha certeza. Pareceu como se a própria alma dela lamentasse em simpatia com a agonia dos gritos que enchiam o ar. Da parede verde de fogo cintilante que se afastava, as formas se contorciam e giravam, chamando, implorando, tentando escapar do mundo dos mortos.

Agora ela entendia o que era quela parede de fogo verde – a morte, trazida à vida. O mago tinha criado uma brecha na fronteira entre os mundos.

Abby não tinha idéia de quanto tempo havia se passado; nas garras da estranha luz na qual ela flutuou o tempo pareceu não existir, assim como não existia nada sólido. Não havia nada familiar a respeito de qualquer uma das sensações que pudesse sustentar a compreensão.

Para Abby, pareceu que a parede de fogo verde tinha detido seu avanço nas árvores na vertente da colina mais distante. As árvores sobre as quais ela passou, e aquelas que ela podia ver envolvidas pela cortina cintilante, tinham enegrecido e murchado com o profundo toque da própria morte. Até mesmo a grama sobre a qual a terrível presença tinha passado parecia ter sido queimada por um sol forte de verão ficando preta e enrugada.

Enquanto Abby observava a parede, ela ficou embotada. Sob o seu olhar, ela pareceu ondular entrando e saindo de sua visão, às vezes um verde cintilante, como vidro derretido, e às vezes não mais do que uma pálida sombra, como uma névoa que agora passava no ar.

Para cada um dos lados, ela estava se espalhando, uma parede de morte correndo através do mundo da vida.

Abby percebeu que ouvia o rio novamente, os sons confortáveis e comuns de água espirrando, ondulando, borbulhando

que ela havia escutado por toda sua vida mas na maior parte do tempo não tinha notado.

Zedd saltou da pedra. Pegou a mão dela e ajudou-a a descer. Abby agarrou a mão dele com firmeza lutando contra as sensações de tontura que fluíam em sua cabeça.

Zedd estalou os dedos, e a pedra sobre a qual eles estiveram saltou no ar, fazendo com que ela engasgasse de susto. Em um instante tão curto que ela duvidou que tinha visto, Zedd pegou a pedra. Ela havia se tornado uma pequena pedra, menor do que um ovo. Ele piscou para ela quando colocou a pedra no bolso. Ela achou a piscadela a coisa mais estranha que podia imaginar, mais estranha até do que a pedra, que agora era uma pedrinha no bolso dele.

Na margem, a Madre Confessora e a feiticeira esperavam. Elas seguraram seus braços, ajudando-a a sair da água.

A feiticeira parecia desgostosa. "Zedd, porque ela não está se movendo?"

Para Abby, aquilo soou mais como uma acusação do que uma pergunta. De qualquer modo, Zedd a ignorou.

"Zedd," Abby murmurou, "Sinto muito. É minha culpa. Não deveria ter deixado ela sozinha. Deveria ter ficado. Sinto muito."

O mago, malmente ouvindo as palavras dela, estava olhando para a parede da morte do outro lado do rio. Ele levantou seus dedos em forma de garra acima da altura do peito, invocando alguma coisa de seu próprio interior.

Com um súbito impacto no ar, fogo irrompeu de suas mãos. Ele as manteve esticadas como se fosse fazer uma oferenda. Abby colocou um braço na frente do rosto por causa do calor. Zedd ergueu a turbulenta bola de fogo líquido. Ela cresceu entre as suas mãos, agitando-se e girando, rugindo e sibilando com fúria.

As três mulheres se afastaram. Abby tinha ouvido falar desse tipo de fogo. Uma vez tinha ouvido sua mãe chamá-lo com um tom apressado: fogo do mago. Mesmo naquele momento, sem ver ou saber como era, aquelas palavras sussurradas formaram uma imagem na mente de Abby quando a sua mãe as pronunciava, tinham causado um calafrio em Abby. Fogo do mago era a

destruição da vida, invocado para torturar um inimigo. Isso não poderia ser outra coisa.

“Por matar o meu amor, minha Erilyn, a mãe de nossa filha, e todas os outros entes queridos inocentes de pessoas inocentes,” Zedd sussurrou, “Eu envio a você, Panis Rahl, o presente da morte.”

O mago abriu seus braços. O fogo líquido azul e amarelo, comandado por seu mestre, atirou-se adiante, ganhando velocidade, rugindo para longe na direção de D'Hara. Enquanto cruzava o rio, ele cresceu como um relâmpago furioso projetando-se para frente, gemendo com terrível fúria, refletindo em pontos cintilantes na água como milhares de faíscas brilhantes.

O fogo do mago disparou passando pela crescente parede verde, apenas tocando na ponta superior. Ao contato, uma chama verde saltou, uma parte dela despedaçando-se, presa atrás do fogo do mago, deixando um rastro para trás como fumaça atrás da chama. A mistura mortal rugiu na direção do horizonte. Todos ficaram aterrorizados, observando, até que todos os traços daquilo tinham desaparecido na distância.

Quando Zedd, pálido e cansado, virou para elas, Abby agarrou sua túnica. “Zedd, Eu sinto tanto. Eu não deveria...”

Ele colocou os dedos nos lábios dela para silenciá-la. “Tem alguém esperando por você.”

Ele inclinou a cabeça. Ela virou. Perto dos arbustos, Philip estava parado segurando a mão de Jana. Abby engasgou com um tremor de vertiginosa alegria. Philip abriu seu familiar sorriso. Do outro lado dele, o pai dela sorriu e balançou a cabeça mostrando para ela sua aprovação.

De braços esticados, Abby correu para eles. Jana franziu o rosto. Ela se encolheu junto a Philip. Abby caiu de joelhos diante dela.

“É a mamãe,” Philip falou para Jana. “Ela só arrumou algumas roupas novas.”

Abby percebeu que Jana estava assustada por causa da roupa de couro vermelho que ela estava usando. Abby sorriu entre as lágrimas.

“Mamãe!” Jana gritou ao ver o sorriso.

Abby jogou os braços em volta da filha. Ela riu e abraçou Jana com tanta força que a criança grunhiu em protesto. Abby sentiu a mão de Philip no seu ombro em carinhosa saudação. Abby levantou e passou um braço em volta dele, lágrimas sufocando sua voz. O pai dela colocou uma mão confortadora na costa dela enquanto ela apertava a mão de Jana.

Zedd, Delora, e a Madre Confessora os reuniram e conduziram subindo a colina na direção das pessoas que esperavam no topo. Soldados, a maioria oficiais, alguns que Abby reconheceu, algumas outras poucas pessoas de Aydindril, e o mago Thomas esperava junto com os prisioneiros libertados. Entre as pessoas soltas estavam aquelas de Coney Crossing; pessoas que não tinham por Abby, a filha de uma feiticeira, nenhuma consideração. Mas eles eram o povo dela, o povo do seu lar, o povo que ela queria salvo.

Zedd repousou uma das mãos no ombro de Abby. Abby estava chocada em ver que o cabelo castanho ondulado dele agora estava parcialmente branco como neve. Ela sabia, sem precisar de um espelho, que o dela tinha sofrido a mesma transformação naquele lugar além do mundo dos vivos, onde, por algum tempo, eles estiveram.

“Essa é Abigail, nascida de Helsa,” o mago gritou para o povo reunido. “Ela é aquela que foi até Aydindril buscando minha ajuda. Embora ela não tenha magia, é por causa dela que vocês todos estão livres. Ela se preocupava o bastante para implorar por suas vidas.”

Abby, com o braço de Philip em volta da cintura e a mão de Jana segurando a dela, olhou do mago para a feiticeira, e então para a Madre Confessora. A Madre Confessora sorriu. Abby pensou que era uma coisa fria demais, em vista do fato de que a filha de Zedd tinha sido assassinada diante dos olhos deles não fazia muito tempo. Ela disse isso sussurrando.

O sorriso da Madre Confessora cresceu. “Você não lembra?” ela perguntou quando se inclinou chegando mais perto. “Você não lembra do que eu disse que nós chamávamos ele?”

Abby, confusa com tudo que tinha acontecido, não conseguia imaginar do que a Madre Confessora estava falando. Quando admitiu

que não lembrava, a Madre Confessora e a feiticeira a levaram caminhando em frente, passando pelo túmulo onde Abby tinha enterrado o crânio da mãe dela quando retornou, e seguindo para dentro da casa.

Com uma das mãos, a Madre Confessora empurrou a porta para o quarto de Abby. Ali, sobre a cama onde Abby a tinha colocado, estava a filha de Zedd, ainda dormindo. Abby ficou olhando sem acreditar.

"*O Enganador*," a Madre Confessora disse. "Eu falei que esse era o nosso nome para ele."

"E não um muito convencido," Zedd resmungou enquanto ele caminhava subindo atrás delas.

"Mas... como?" Abby apertou os dedos em suas têmporas, "Eu não entendo."

Zedd gesticulou. Abby viu, pela primeira vez, o corpo amarrado logo depois da porta dos fundos. Era Mariska.

"Quando você me mostrou o quarto quando viemos aqui pela primeira vez," Zedd falou, "Eu coloquei algumas armadilhas para aqueles que desejassem fazer o mal. Aquela mulher foi morta por aquelas armadilhas porque entrou aqui com a intenção de levar minha filha de onde ela estava dormindo."

"Você quer dizer que era tudo uma ilusão?" Abby estava chocada. "Porque você faria uma coisa cruel assim? Como foi capaz?"

"Eu sou o objeto da vingança," o mago explicou. "Não queria que minha filha pagasse o preço que a mãe dela já tinha pago. Uma vez que meu feitiço matou a mulher quando ela tentou machucar minha filha, eu fui capaz de usar uma visão dela para fazer meu truque. O inimigo conhecia a mulher, e sabia que ela agia por Anargo. Eu usei o que eles esperavam ver para convencê-los e assustá-los para que corressem deixando os prisioneiros."

"Eu lancei o feitiço da morte de modo que todos pensariam que tinham visto minha filha sendo morta. Desse jeito, o inimigo pensaria que minha filha estava morta, e não teriam razão alguma para caçá-la ou mesmo tentar machucá-la novamente. Fiz isso para protegê-la do inesperado."

A feiticeira lançou um olhar de raiva para ele. "Se fosse qualquer outro e não você, Zeddicus, e por qualquer outra razão que não fosse a razão que você tinha, eu garantiria que pagasse por lançar uma teia como um feitiço da morte." Ela abriu um largo sorriso. "Bem feito, Primeiro Mago."

Do lado de fora, todos os oficiais queriam saber o que estava acontecendo.

"Não tem batalha hoje," Zedd falou para eles. "Eu simplesmente acabei com a guerra."

Eles comemoraram com genuína alegria. Se Zedd não fosse o Primeiro Mago, Abby suspeitou que eles o teriam carregado nos ombros. Parecia que não tinha ninguém mais alegre com a paz do que aqueles cujo trabalho era lutar por ela.

O Mago Thomas, parecendo mais humilde do que Abby já tinha visto, limpou sua garganta. "Zorander, eu... eu... eu simplesmente não consigo acreditar no que os meus próprios olhos viram." Seu rosto finalmente assumiu sua familiar expressão séria. "Mas temos pessoas que já estão quase sentindo revolta contra a magia. Quando as notícias disso se espalharem, só vai deixar isso pior. Os pedidos para ficar livre de magia crescem todo dia e você alimentou a fúria. Com isso, somos responsáveis por ter uma revolta em nossas mãos."

"Eu ainda quero saber porque ela não está se movendo," Delora grunhiu lá de trás. "Quero saber porque ela simplesmente fica ali, toda verde e parada."

Zedd ignorou-a e direcionou sua atenção para o velho mago. "Thomas, tenho um trabalho para você."

Ele fez sinal para que diversos oficiais de Aydindril dessem um passo à frente, e passou um dedo na frente dos rostos deles, com o seu próprio rosto ficando sério e determinado. "Tenho um trabalho para todos vocês. As pessoas têm razão para temer a magia. Hoje nós vimos magia mortal e perigosa. Eu posso entender esses medos."

"Em consideração desses medos, eu devo satisfazer o desejo deles."

"O quê!" Thomas debochou. "Você não pode acabar com a magia, Zorander! Nem mesmo você pode fazer um paradoxo desse

tipo.”

“Não acabar com ela,” Zedd disse. “Mas dar a eles um lugar sem ela. Quero que você organize uma delegação oficial grande o bastante para viajar por toda Midlands com a oferta. Todos aqueles que quiserem sair de um mundo com magia devem seguir para as terras ao oeste. Ali eles construirão novas vidas livres da magia. Eu me certificarei de que a magia não possa invadir a paz deles.”

Thomas jogou as mãos para o alto. “Como pode fazer tal promessa!”

O braço de Zedd levantou para apontar atrás dele, para a parede de fogo verde crescendo em direção ao céu. “Eu invocarei uma segunda parede da morte, através da qual nenhuma magia passará. Do outro lado deverá ser um lugar livre da magia. Ali, as pessoas estarão livres para viver suas vidas sem magia.”

“Quero que todos você providenciem que a mensagem seja espalhada pelas terras. As pessoas terão até a primavera para emigrar para as terras do oeste. Thomas, você irá garantir que ninguém com magia faça a jornada. Nós temos livros que podemos usar para ter certeza que limparemos um lugar de qualquer traço de magia. Podemos garantir que ali não haverá magia alguma.”

“Na primavera, quando todos que desejarem tiverem ido para suas novas terras, eu os isolarei da magia. Com um golpe só, eu irei satisfazer a grande maioria dos pedidos que chegarem a nós; eles terão vidas sem magia. Que os bons espíritos tomem conta deles, e que eles não acabem se arrependendo do seu desejo atendido.”

Thomas apontou fervorosamente para a coisa que Zedd havia trazido para o mundo. “Mas e quanto aquela coisa? E se as pessoas caminharem para dentro daquilo no escuro? Eles estarão caminhando para dentro da morte,”

“Não apenas no escuro,” Zedd falou. “Uma vez que ela estiver estabilizada, será difícil enxergá-la. Teremos que colocar guardas para manter as pessoas afastadas. Teremos que definir uma área de terra próxima da fronteira e colocar homens montando guarda para que as pessoas fiquem longe.”

“Homens?” Abby perguntou. “Você quer dizer que terá que criar uma unidade especial de guardas da fronteira?”

“Sim,” Zedd falou, suas sobrancelhas levantando, “esse é um bom nome para eles.

Guardas da Fronteira.”

O silêncio caiu sobre aqueles que se inclinavam para ouvir as palavras do mago. O humor tinha mudado e agora estava sério com a desagradável questão em mãos. Abby não conseguia imaginar um lugar sem magia, mas ela sabia o quão ardentemente alguns desejavam isso.

Thomas finalmente concordou. “Zedd, dessa vez eu acho que você acertou. Às vezes, devemos servir ao povo sem servi-los.” Os outros resmungaram sua aprovação, embora, como para Abby, isso pudesse parecer uma fria solução.

Zedd ficou ereto. “Então está decidido.”

Ele virou e anunciou para a multidão o fim da guerra, e sobre a divisão que estava por vir na qual aqueles que tinham pedido durante anos finalmente teriam sua solicitação atendida; para aqueles que desejassem, uma terra fora de Midlands, sem magia, seria criada.

Enquanto todos estavam conversando sobre essa coisa tão exótica e misteriosa como uma terra sem magia, ou aplaudindo e celebrando o fim da guerra, Abby sussurrou para Jana que esperasse com seu pai um momento. Ela beijou a filha e então aproveitou a oportunidade para arrastar Zedd para um lado.

“Zedd, posso falar com você? Tenho uma pergunta.”

Zedd sorriu e a segurou pelo cotovelo, levando Abby para dentro da pequena casa. “Eu gostaria de dar uma olhada na minha filha. Venha comigo.”

Abby deixou a cautela de lado e colocou a mão da Madre Confessora em uma das suas mãos, a de Delora na outra, e as puxou para dentro com ela. Elas também tinham o direito de ouvir isso.

“Zedd,” Abby perguntou logo que eles estavam longe da multidão no terreno dela, “eu posso saber, por favor, qual era a dívida de seu pai com minha mãe?”

Zedd levantou uma sobrancelha. “Meu pai não tinha dívida alguma com sua mãe.”

Abby franziu o rosto. "Mas era uma dívida de ossos, passada de seu pai para você, e de minha mãe para mim."

"Oh, era mesmo uma dívida, mas não devida *para* sua mãe, e sim *por* sua mãe." "O quê?" Abby perguntou muito confusa. "O que você quer dizer?"

Zedd sorriu. "Quando sua mãe estava dando a luz a você, ela estava com problemas. Vocês duas morreriam no parto. Meu pai usou magia para salvá-la. Helsa implorou a ele que salvasse você também. Para mantê-la no mundo dos vivos e fora das garras do Guardião, sem pensar em sua própria segurança, ele trabalhou muito além do limite que qualquer um esperaria de um mago.

"Sua mãe era uma feiticeira, e entendia a extensão do que estava envolvido para salvar sua vida. Em gratidão pelo que meu pai tinha feito, ela fez um juramento de dívida com ele. Quando ela morreu, a dívida passou para você."

Abby, com os olhos arregalados, tentou analisar a coisa toda em sua mente. A mãe dela nunca tinha falado para ela a natureza da dívida.

"Mas... mas você está dizendo que sou eu quem tem uma dívida com você? Quer dizer que a dívida de ossos é meu fardo?"

Zedd abriu a porta para o quarto onde sua filha dormia, sorrindo enquanto olhava lá dentro. "A dívida está paga, Abby. O bracelete que sua mãe lhe deu tinha magia, ligando você com a dívida. Obrigado pela vida de minha filha." Abby olhou para a Madre Confessora. Realmente enganador. "Mas porque você me ajudaria, se na verdade não era uma dívida de ossos que você tinha comigo? Se na verdade era uma dívida que eu tinha com você?"

Zedd encolheu os ombros. "Nós ganhamos uma recompensa simplesmente com o ato de ajudar aos outros. Nunca sabemos como, ou se, aquela recompensa voltará para nós. Ajudar é a recompensa; nenhuma outra é necessária, nem melhor."

Abby observou a linda garotinha dormindo no quarto. "Estou agradecida aos bons espíritos que eu tenha sido capaz de ajudar a manter uma vida assim nesse mundo. Posso não ter o dom, mas posso prever que ela será uma pessoa importante, não apenas para você, mas para outros."

Zedd sorriu levemente enquanto olhava sua filha dormindo. "Acho que você pode ter o dom da profecia, minha querida, pois ela já é uma pessoa que tomou parte em colocar fim em uma guerra, e assim fazendo, salvou as vidas de incontáveis pessoas."

A feiticeira apontou pela janela. "Eu ainda continuo querendo saber porque aquela coisa não está se movendo. Ela deveria passar sobre D'Hara e purificá-la de toda vida, matar todos eles pelo que eles fizeram." O olhar de raiva dela se aprofundou. "Porque ela apenas fica parada ali?"

Zedd juntou as mãos. "Ela acabou com a guerra. Isso é o bastante. A parede é uma parte do próprio submundo, o mundo dos mortos. O exército deles não será capaz de atravessá-la e fazer guerra contra nós enquanto uma fronteira como essa permanecer."

"E por quanto tempo será?"

Zedd estremeceu. "Nada permanece para sempre. Por enquanto, haverá paz. A matança acabou."

A feiticeira não pareceu estar satisfeita. "Mas eles estavam tentando matar todos nós!"

"Bem, agora eles não podem. Delora, tem pessoas em D'Hara que também são inocentes. Só porque Panis Rahl desejou nos conquistar e subjugar, isso não significa que todas as pessoas D'Haran são más. Muitas pessoas boas em D'Hara estão sofrendo sob duras regras. Como eu poderia matar todos ali, incluindo todas as pessoas que não causaram mal algum, e que desejam apenas viver suas vidas em paz?"

Delora passou uma das mãos pelo rosto. "Zeddicus, às vezes eu não conheço você.

Às vezes, você parece um péssimo *Vento da Morte*."

A Madre Confessora ficou olhando pela janela, na direção de D'Hara. Seus olhos violeta viraram para o mago.

"Haverá aqueles ali que serão seus inimigos por toda a vida por causa disso, Zedd.

Com isso, você criou terríveis inimigos. Você os deixou vivos." "Inimigos," o mago disse, "são o preço da honra."

***Fim***